



Agosto 2022
Volume 16 \ Número 3

Boletim Regional





Agosto 2022
Volume 16 \ Número 3

Boletim Regional

ISSN 2175-9278
CNPJ 00.038.166/0001-05

Boletim Regional

Publicação trimestral do Banco Central do Brasil/Departamento Econômico.

Os textos, as tabelas e os gráficos são de responsabilidade dos seguintes componentes do **Departamento Econômico (Depec)** (*e-mail*: depec@bc.gov.br):

Região Norte – Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Pará (*e-mail*: pa.depec@bc.gov.br);

Região Nordeste – Coordenação Regional do Nordeste (*e-mail*: pe.depec@bc.gov.br),
Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste na Bahia (*e-mail*: ba.depec@bc.gov.br);
Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste no Ceará (*e-mail*: ce.depec@bc.gov.br),

Região Centro-Oeste – Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais (*e-mail*: mg.depec@bc.gov.br),

Região Sudeste – Coordenação Regional do Sudeste (*e-mail*: rj.depec@bc.gov.br),
Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais (*e-mail*: mg.depec@bc.gov.br),
Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em São Paulo (*e-mail*: gtspa.depec@bc.gov.br);

Região Sul – Coordenação Regional do Norte e Sul (*e-mail*: rs.depec@bc.gov.br);
Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Paraná (*e-mail*: pr.depec@bc.gov.br).

Informações sobre o Boletim

Telefone: (61) 3414-1061

Fax: (61) 3414-2036

É permitida a reprodução das matérias, desde que mencionada a fonte: Boletim Regional do Banco Central do Brasil, v. 16, n. 3.

Convenções estatísticas

- ... dados desconhecidos.
- dados nulos ou indicação de que a rubrica assinalada é inexistente.
- 0** ou **0,0** menor que a metade do último algarismo, à direita, assinalado.
- * dados preliminares.

O hífen (-) entre anos (2004-2006) indica o total de anos, incluindo o primeiro e o último.

A barra (/) utilizada entre anos (2004/2006) indica a média anual dos anos assinalados, incluindo o primeiro e o último, ou, se especificado no texto, ano-safra ou ano-convênio.

Eventuais divergências entre dados e totais ou variações percentuais são provenientes de arredondamentos.

Não são citadas as fontes dos quadros e gráficos de autoria exclusiva do Banco Central do Brasil.

Atendimento ao Cidadão

Banco Central do Brasil

SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 2º subsolo

70074-900 Brasília – DF

Telefone: 145 (custo de ligação local)

Internet: <<https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/faleconosco>>

Sumário

Apresentação	5
Sumário executivo	7
Região Norte	9
Região Nordeste	13
Bahia _____	16
Ceará _____	18
Pernambuco _____	20
Região Centro-Oeste	23
Região Sudeste	27
Minas Gerais _____	30
Rio de Janeiro _____	33
São Paulo _____	35
Região Sul	39
Paraná _____	42
Rio Grande do Sul _____	45
Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais	49
Boxes	
Evolução regional do crédito no segundo trimestre de 2022 _____	53
Contribuição do setor externo para o PIB: perspectiva regional de 2007 a 2019 _____	56
Evolução regional da atividade pecuária _____	59
Apêndice	63

Apresentação

O “Boletim Regional do Banco Central do Brasil” é uma publicação trimestral do Banco Central do Brasil que apresenta as condições da economia por regiões e por alguns estados do país. Sob o enfoque regional, enfatiza-se a evolução de indicadores que repercutem as decisões de política monetária – produção, vendas, emprego, preços, comércio exterior, entre outros. Nesse contexto, a publicação contribui para a avaliação do impacto das políticas da Autoridade Monetária sobre os diferentes entes da Federação, à luz das características econômicas locais e das gestões políticas regionais.

As análises e informações do “Boletim Regional” buscam oferecer à sociedade – em particular, a gestores de política econômica nas esferas subnacionais, pesquisadores e integrantes do meio acadêmico, empresários, investidores, e profissionais de imprensa – elementos que contribuam para identificar a forma e, especialmente, a magnitude de repercussão, no âmbito regional, das políticas implementadas. Ao mesmo tempo, a publicação contribui para dar à sociedade conhecimento dos critérios analíticos da Instituição.

O “Boletim Regional” analisa as economias das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul e dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A disponibilidade de estatísticas econômicas, bem como a distribuição geográfica das representações do Banco Central, influenciou a escolha dos estados. Assim, para as regiões que possuem apenas uma representação institucional – Norte e Centro-Oeste –, optou-se pela análise agregada regionalmente. Para as regiões em que existem mais de uma representação, são apresentadas, além da análise regional, as análises para os estados nos quais se encontram as representações.

Homogeneidade, abrangência e regularidade foram os principais critérios de escolha das estatísticas e das fontes. Dessa forma, em sua maior parte, os dados têm como origem os órgãos e os institutos

de âmbito nacional, destacadamente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os entes da administração direta. Em alguns casos, foram utilizadas, complementarmente, informações de entidades regionais. Dados sem tratamento das fontes foram dessazonalizados pelo Departamento Econômico do Banco Central do Brasil (Depec).

Sumário executivo

A atividade econômica continuou apresentando desempenho positivo no segundo trimestre, em especial a indústria e o setor de serviços. Após sequência de três resultados negativos, a produção industrial cresceu nos últimos três trimestres, mas ainda se mantém em nível abaixo do observado no período pré-pandemia. Diferentemente, o setor de serviços, que apresentou recuperação contínua desde o terceiro trimestre de 2020, encontra-se em patamar acima do nível anterior à crise sanitária, com exceção do segmento de serviços às famílias. Nesse ambiente de atividade econômica mais robusta, o mercado de trabalho exhibe retomada mais forte do que a esperada. Tanto os indicadores referentes à contratação de emprego formal quanto as taxas de ocupação e desocupação sugerem normalização rápida dos setores intensivos em trabalho após a pandemia.

Em relação à atividade regional, o crescimento foi mais disseminado do que no trimestre anterior, com expansões significativas em todas as regiões, à exceção do Sudeste, que apresentou relativa estabilidade, refletindo o resultado negativo no estado de São Paulo. No Sul, onde sobressaiu o desempenho dos indicadores de comércio e serviços, houve recuperação da queda acentuada observada nos três meses anteriores, relacionada à quebra das safras de soja e milho.

Os principais indicadores econômicos da região Norte evoluíram positivamente no segundo trimestre, resultando na expansão do agregado da atividade no período. O Índice de Atividade Econômica Regional – Norte (IBCR-N) variou 1,5% em relação ao trimestre anterior, influenciado pela expansão do setor de serviços no período. O IBCR-PA cresceu 1,9% na mesma base de comparação, impulsionado pela construção e por serviços às empresas, enquanto o IBCR-AM expandiu 1,7%, puxado por serviços às famílias e alojamento e alimentação. Em doze meses, o IBCR-N acumulou crescimento de 1,7%.

A atividade econômica nordestina manteve-se em expansão no segundo trimestre de 2022. O IBCR-NE

cresceu 1,0%, refletindo a continuidade da retomada do setor de serviços, além do desempenho favorável da agropecuária e da construção civil. No mesmo sentido, a indústria de transformação acumula expansão significativa, com três trimestres seguidos de alta, impulsionada principalmente pelo setor de derivados de petróleo. A ocupação segue em elevação no mercado de trabalho formal e informal, mas a recuperação dos rendimentos tem sido mais lenta que a média nacional. Em doze meses até junho, o IBCR-NE acumulou variação de 3,5%.

A economia do Centro-Oeste continuou em trajetória de crescimento no segundo trimestre de 2022. O IBCR-CO apresentou alta de 2,0% frente ao trimestre anterior, quando crescera 1,1%, considerados dados dessazonalizados. Sobressaíram no período o comércio, a agricultura, a construção civil e os serviços às famílias. No acumulado de doze meses, o IBCR-CO cresceu 4,6%.

A economia do Sudeste perdeu ritmo no segundo trimestre, refletindo sobretudo o arrefecimento da expansão do comércio e o recuo dos serviços financeiros. Nesse cenário, o IBCR-SE variou -0,1% no trimestre, em relação ao trimestre imediatamente anterior (1,6%), influenciado pelo desempenho de São Paulo (-0,5%), enquanto os demais estados apresentaram avanço, com destaque para Minas Gerais (1,5%). No acumulado em doze meses até junho, a economia da região registrou incremento de 2,6%.

A atividade econômica do Sul registrou recuperação no segundo trimestre de 2022, após recuo no primeiro, quando refletira a quebra na produção de soja. Na margem, além do final da apropriação das safras de verão, houve retomada mais intensa no comércio, na construção e em segmentos da prestação de serviços, sobretudo às famílias, e discreta ampliação da produção industrial. De acordo com o IBCR-S, a economia do Sul cresceu 2,8% no segundo trimestre em relação ao anterior (-2,9%). Em doze meses, o Sul assinalou a menor expansão dentre as regiões, 1,0%, influenciada pelos resultados modestos da agricultura e da indústria.

Região Norte

1

Gráfico 1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Norte

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100

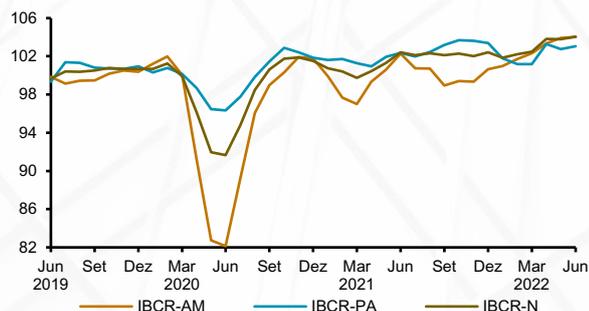
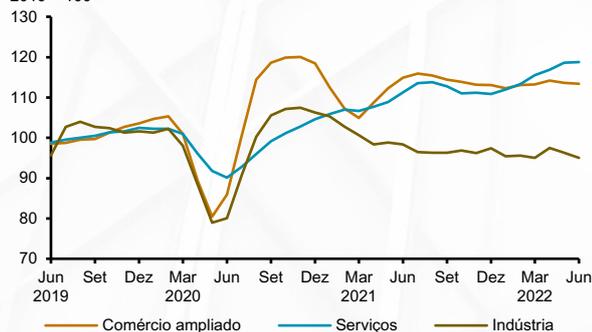


Gráfico 1.2 – Comércio, serviços e indústria – Norte

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 1.3 – Confiança dos agentes – Norte

Em pontos



Fontes: CNI e CNC

Os principais indicadores econômicos da região Norte evoluíram positivamente no segundo trimestre, resultando na expansão do agregado da atividade no período. O IBCR-N variou 1,5% em relação ao trimestre anterior, influenciado pela expansão do setor de serviços no período.¹ O IBCR-PA cresceu 1,9% na mesma base de comparação, impulsionado pela construção e por serviços às empresas, enquanto o IBCR-AM expandiu 1,7%, puxado por serviços às famílias e alojamento e alimentação. Em doze meses, o IBCR-N acumulou crescimento de 1,7%.

Sob a ótica da demanda, observou-se estabilidade no volume de vendas do comércio ampliado no segundo trimestre do ano², com avanço em todos os estados, à exceção de Roraima. Para o período acumulado em doze meses até junho, o recuo do comércio ampliado foi de 0,8%. Prospectivamente, espera-se que os efeitos das políticas temporárias de apoio à renda impulsionem o setor no segundo semestre.

Dados do licenciamento de automóveis e comerciais leves da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve) apresentaram incremento das vendas no trimestre encerrado em julho (3,6%). No acumulado em doze meses, ocorreram dinâmicas distintas nos segmentos, com contração em veículos leves e estabilidade em caminhões e ônibus.

Estatísticas mais recentes relacionadas à confiança apontaram ambiente favorável à continuação da expansão do consumo, com elevações na margem tanto no índice de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) quanto no Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec) da região, divulgados pela Confederação Nacional do Comércio (CNC). Quando confrontadas ao mesmo período do ano anterior, o quadro é semelhante, com alta nos índices de confiança dos consumidores e empresários.

1/ Variações da série com ajuste sazonal e comparativamente ao trimestre anterior, exceto quando diversamente explicitado.

2/ Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE.

Tabela 1.1 – Evolução do emprego formal – Norte

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2021			2022	
	Jun	Set	Dez	Mar	Jun
Total	48,7	59,0	11,3	24,5	49,9
Indústria de transformação	5,8	8,3	-0,6	1,3	5,0
Comércio	12,1	13,1	17,0	1,5	9,7
Serviços	15,4	22,9	0,3	17,9	18,5
Construção civil	10,5	9,0	-4,5	-0,6	10,6
Agropecuária	2,4	2,8	0,0	2,1	1,8
Serviços ind. de utilidade pública	0,4	0,6	-0,1	0,4	0,9
Outros ^{2/}	2,1	2,3	-0,9	2,0	3,4

Fonte: MTP

1/ Novo Caged sem ajuste. Refere-se ao trimestre encerrado no mês.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 1.2 – Produção agrícola – Norte

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}	Variação %	
		2022	2021/2020	2022/2021
Grãos ^{3/}	45,4	13 347	11,8	8,7
Soja	30,9	7 651	13,5	5,7
Milho	8,9	4 508	11,5	17,2
Arroz (em casca)	4,6	925	0,0	-6,6
Outras lavouras				
Mandioca	14,0	6 472	-1,6	-1,9
Cacau	5,8	150	1,7	-2,1
Banana	4,0	962	14,0	-1,2

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de julho de 2022.

3/ Produtos: algodão herbáceo, amendoim, arroz, feijão, milho, soja e sorgo.

Tabela 1.3 – Produção industrial – Norte

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2022	Variação % no período		
		12 meses		
		Mar ^{2/}	Jun ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-2,4	0,0	-7,0
Indústrias extrativas	37,5	-3,5	-4,1	-8,0
Indústrias de transformação	62,5	0,5	7,2	-5,4
Informát., eletrôn. e ópticos	15,9	2,1	6,6	-12,2
Bebidas	11,4	8,5	7,6	0,0
Outros equip. transporte	8,6	-1,2	2,3	4,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

3/ Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE.

4/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Trimestral (PNADC-T) do IBGE.

5/ Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF) do IBGE.

No segundo trimestre, o setor de serviços manteve trajetória de expansão da atividade, refletindo o desempenho positivo em seis dos sete estados da região, com destaque para o Tocantins (12,7%). O Norte avançou 3,5% no agregado da pesquisa, sendo a região com a maior recuperação desde a pandemia³.

No mercado de trabalho formal, as contratações indicaram continuidade na recuperação do emprego no segundo trimestre, com a criação de postos além da observada em igual período do ano anterior, destacando-se o setor de serviços com saldo líquido de 18,5 mil vagas. Entre os estados, sobressaíram Pará, Amazonas e Rondônia na criação de postos no trimestre. A taxa de desocupação dessazonalizada recuou de 10,9% no primeiro trimestre para 9,0% no segundo, menor patamar desde o último trimestre de 2015, com aumento na ocupação mais intenso do que na força de trabalho⁴.

No setor primário, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de julho indica crescimento para a safra de cereais, leguminosas e oleaginosas em 2022 em relação à do ano anterior, com destaque para os aumentos da produção de milho e soja. Já a colheita de mandioca, uma das principais culturas da região e com características de mão-de-obra majoritariamente familiar, deverá ter redução no ano.

No segundo trimestre, a produção industrial da região registrou estabilidade⁵, condicionada por recuo na extrativa, com reflexo nas exportações de produtos básicos do Pará, em contraponto à indústria de transformação, que apresentou expansão. Não obstante, em doze meses, a atividade industrial nortista registrou contração, refletindo dificuldades na cadeia de insumos para o polo industrial de Manaus. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) alcançou 83,4% em junho, crescimento de 5,2 p.p. em relação ao mesmo mês do ano anterior, de acordo com a Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam). O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) do Norte, divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), atingiu 60,6 pontos em julho, apresentando leve melhora em relação a abril.

No acumulado de janeiro a julho, o comércio externo não manteve o bom desempenho observado ao longo de 2021 e apresentou retração do *superavit*,

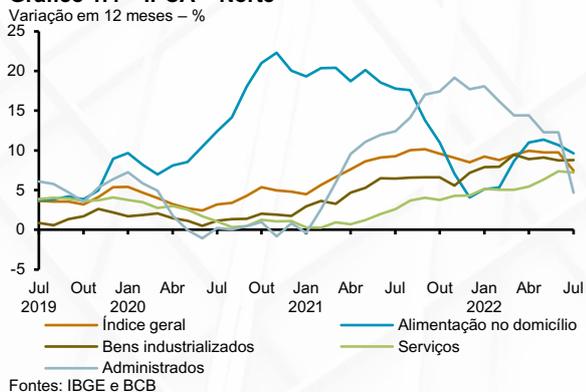
Tabela 1.4 – Comércio exterior – Norte
Janeiro-julho

Discriminação	US\$ milhões		
	2021	2022	Var. %
Exportações	20 429	17 166	-16,0
Básicos	17 699	13 918	-21,4
Industrializados ^{1/}	2 730	3 249	19,0
Importações	9 088	10 787	18,7
Bens de capital	611	696	14,0
Bens intermediários	7 715	8 736	13,2
Bens de consumo	197	223	13,0
Combustíveis e lubrificantes	565	1 132	100,2
Saldo comercial	11 340	6 379	-43,7

Fonte: Ministério da Economia

1/ Inclui operações especiais.

Gráfico 1.4 – IPCA – Norte



impactado pelo recuo de 39,5% no valor das exportações de minérios de ferro. As vendas à China, principal parceiro comercial da região, diminuíram 27,6%, refletindo menor demanda por *commodities* minerais, além das medidas de restrição de locomoção tomadas pelo governo para combate da pandemia de Covid-19. As exportações reduziram em decorrência tanto do preço (-9,5%) quanto do *quantum* (-7,1%). Por outro lado, o aumento das importações refletiu o preço (23,1%), tendo em vista a redução das quantidades adquiridas (-3,5%).

Os preços na região, quando considerada a variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), apresentaram redução de 0,59% no trimestre encerrado em julho, impactados pelas medidas de desonerações tributárias que resultaram na diminuição do preço de itens com peso importante na cesta de produtos, como gasolina e energia elétrica. No mesmo período, os preços livres expandiram 1,18%, enquanto os monitorados contraíram 5,21%. No acumulado de doze meses até julho, o Norte registrou a menor inflação entre as regiões (7,45%).

Em síntese, a continuidade na redução da produção e da exportação das *commodities* minerais verificada no segundo trimestre impediu um desempenho mais robusto da atividade econômica no Norte, ainda que outros setores tenham registrado crescimento. Prospectivamente, comércio e serviços podem ser beneficiados por políticas temporárias de apoio à renda implementadas no segundo semestre.

Região Nordeste

2

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Nordeste

Dados dessazonalizados

2019 = 100

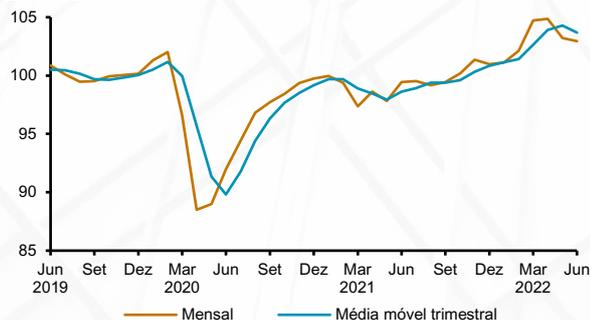
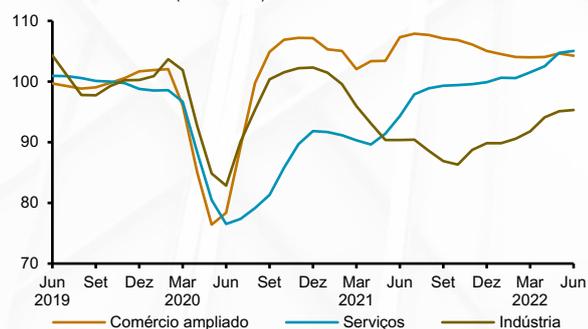


Gráfico 2.2 – Comércio, serviços e indústria – Nordeste

Dados dessazonalizados

Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Gráfico 2.3 – Geração de emprego formal – Nordeste

Varição do estoque de postos de trabalho – Em milhares

Dados dessazonalizados



Fonte: MTP (Novo Caged)

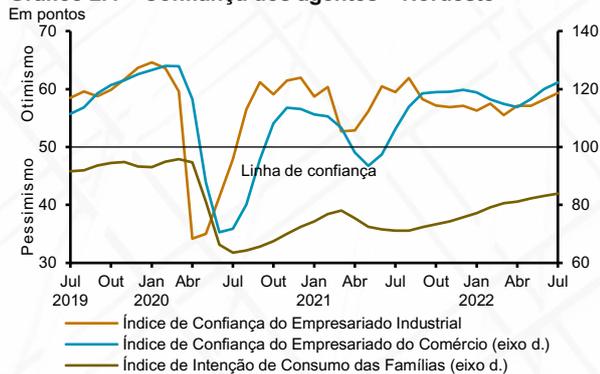
A atividade econômica nordestina manteve-se em expansão no segundo trimestre de 2022. O IBCR-NE cresceu 1,0%, refletindo a continuidade da retomada do setor de serviços, além do desempenho favorável da agropecuária e da construção civil. No mesmo sentido, a indústria de transformação acumula expansão significativa, com três trimestres seguidos de alta, impulsionada principalmente pelo setor de derivados de petróleo. A ocupação segue em elevação no mercado de trabalho formal e informal, mas a recuperação dos rendimentos tem sido mais lenta que a média nacional. Em doze meses até junho, o IBCR-NE acumulou variação de 3,5%.

O setor de serviços mostrou dinamismo no segundo trimestre, acompanhado por melhora no mercado de trabalho. Segundo a PMS do IBGE, os serviços não financeiros aceleraram para alta de 3,5% ante o trimestre anterior, com crescimento generalizado (apenas outros serviços recuaram). Destaque para os serviços mais intensivos em trabalho — serviços às famílias e turismo que, com o resultado, superaram o nível anterior à crise sanitária, diferentemente do observado no indicador nacional.

De acordo com dados dessazonalizados da PNADC-T do IBGE, a taxa de desocupação da região recuou para 12,6% no trimestre finalizado em junho, menor patamar desde o último trimestre de 2015 e 5,9 p.p. abaixo do recorde da série, atingido no quarto trimestre de 2020. No último trimestre, a população ocupada aumentou 3,1% e o rendimento real apresentou leve recuperação, mas ainda permanece em patamar mais baixo que o do ano anterior. No mercado formal, dados dessazonalizados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) mostraram elevação consistente e generalizada da geração de postos de trabalho com carteira assinada entre abril e junho, acelerando em relação ao trimestre anterior.

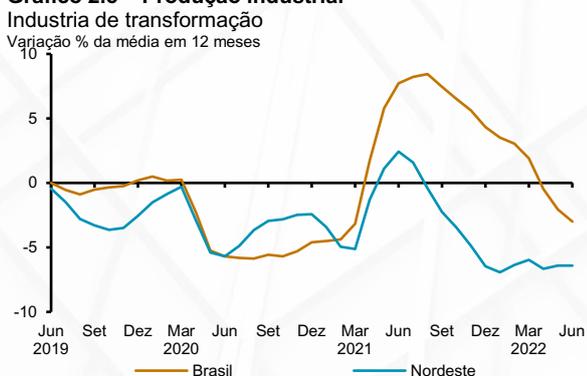
A demanda por bens cresceu no segundo trimestre, porém menos no conceito ampliado (0,3%) do que no restrito (2,6%), devido a retrações nas vendas

Gráfico 2.4 – Confiança dos agentes – Nordeste



Fontes: CNI e CNC

Gráfico 2.5 – Produção industrial



Fonte: IBGE

Tabela 2.1 – Produção agrícola – Nordeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} (%)	Em mil toneladas		Var. % 2022/2021
		Produção ^{2/} 2021	2022	
Produção de grãos	53,0	23 028	25 473	10,6
Soja	32,5	12 768	13 796	8,1
Milho	12,0	8 264	9 413	13,9
Caroço de algodão (herbáceo)	5,1	871	934	7,1
Feijão	3,4	503	660	31,3
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	8,4	53 803	52 506	-2,4
Mandioca	2,9	3 719	4 005	7,7
Banana	4,6	2 348	2 465	5,0

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de julho de 2022.

de veículos e material de construção, segundo a PMC do IBGE. A ligeira recuperação do comércio na margem sucedeu a três trimestres consecutivos de queda.

Dados de julho da Fenabreve, isentos de sazonalidade, sugerem recuperação no comércio de veículos, havendo as vendas crescido 6,7% na região no trimestre terminado em julho, com elevações de 14,2% em Pernambuco, de 12,8% no Ceará e de 2,7% na Bahia. As vendas de motocicletas no Nordeste, maiores que as de automóveis e comerciais leves em todos os nove estados da região, continuam a mostrar dinamismo.

O Icec, divulgado pela CNC, atingiu 122,3 pontos em julho de 2022, retornando ao patamar verificado em março de 2020, no início da pandemia. O ICF também voltou aos patamares verificados nos primeiros meses de 2020.

A indústria nordestina expandiu 3,8% no segundo trimestre em relação ao anterior, segundo dados da PIM-PF do IBGE, refletindo crescimento nos três estados onde é feita a pesquisa (Bahia, Pernambuco e Ceará). Destacaram-se positivamente o setor de bebidas e derivados de petróleo, enquanto a queda na indústria de alimentos foi a maior dentre os ramos pesquisados. Em doze meses, contudo, a atividade fabril na região apresenta queda de 6,5%.

Em linha com o crescimento do setor, a confiança dos empresários industriais, segundo o Icei da CNI, atingiu 59,3 pontos em julho, acima do nível de neutralidade (50 pontos), registrando acréscimo de 2,2 pontos ante abril.

A estimativa da produção de grãos no Nordeste, de acordo com o LSPA do IBGE de julho, deverá atingir 25,5 milhões de toneladas em 2022, com crescimento expressivo em todas as principais culturas da região. No recorte por estado, merece menção o aumento de 17,8% na produção de grãos do Piauí, equivalente a 36,8% do incremento esperado na região.

O *deficit* da balança comercial do Nordeste cresceu de US\$685 milhões, nos primeiros sete meses de 2021, para US\$4,2 bilhões, em igual período de 2022. O desempenho foi condicionado pelo aumento no valor das importações, com destaque para o crescimento das compras de combustíveis e lubrificantes. As exportações

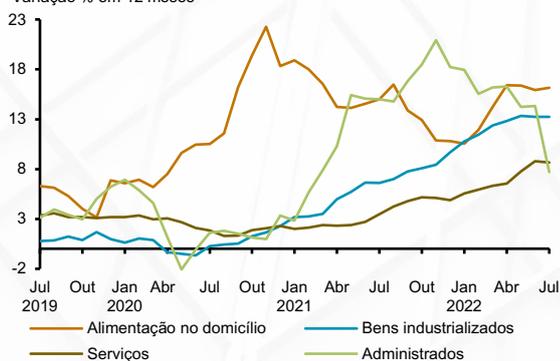
Gráfico 2.6 – Balança comercial – Nordeste
Acumulado em 12 meses – Em US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia/Secex

Gráfico 2.7 – IPCA – Nordeste

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

avançaram, influenciadas sobretudo pelo aumento nos preços, com ênfase nas maiores vendas de produtos manufaturados.

A inflação do Nordeste⁶ desacelerou para 1,17% no trimestre encerrado em julho, ante 3,51% no finalizado em abril. Os preços dos itens administrados registraram variação negativa, enquanto os dos livres apresentaram arrefecimento na comparação trimestral. As maiores quedas ocorreram em gasolina, energia elétrica residencial e gás de botijão. Os municípios de São Luís e Aracaju registraram inflação abaixo da média regional no período.

Nos doze meses finalizados em julho, a região registrou inflação de 10,81% (0,74 p.p. acima da média nacional). O índice de difusão alcançou 61,7% no Nordeste, indicando menor disseminação no aumento dos preços ante o período anterior.

A economia nordestina mantém desempenho positivo em 2022, com destaque para serviços e indústria. Em perspectiva, o possível impacto positivo no comércio varejista das desonerações tributárias, a melhora das expectativas de empresários e consumidores e os efeitos dos programas temporários de transferência de renda devem sustentar a atividade econômica da região.

6/ Calculada com base nas variações e pesos das regiões metropolitanas de Fortaleza, Recife e Salvador. A partir de maio de 2018, foram incluídas as variações dos municípios de Aracaju e São Luís.

2.1 Bahia

Gráfico 2.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Bahia

Dados dessazonalizados
2019 = 100

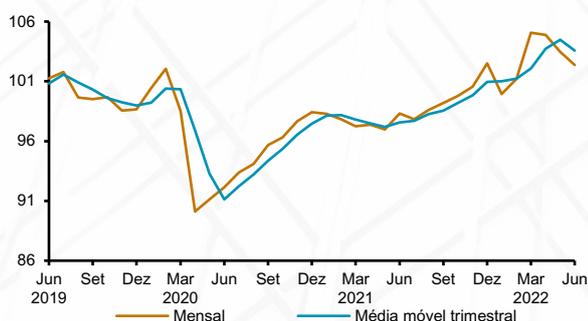
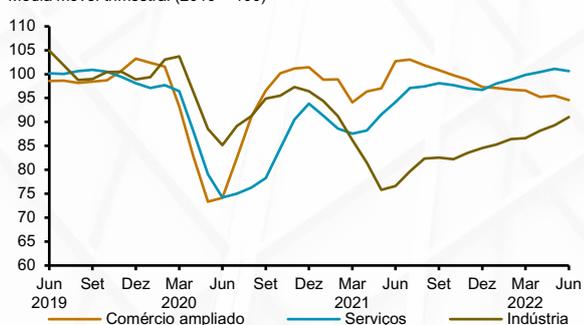


Gráfico 2.1.2 – Comércio, serviços e indústria – Bahia

Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Tabela 2.1.1 – Produção industrial – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2022	Acumulado	
		Mar ^{2/}	Jun ^{2/}	em 12 meses
Indústria geral	100,0	2,5	5,1	-2,7
Indústrias extrativas	5,9	-17,0	7,6	-4,7
Indústrias de transformação	94,1	4,5	5,8	-2,5
Deriv. petróleo e biocomb.	28,5	-0,7	1,4	22,4
Outros produtos químicos	16,1	3,0	1,1	-3,1
Metalurgia	8,2	-7,1	-8,7	-31,0
Produtos Alimentícios	8,1	0,3	-7,8	-3,2
Celulose e prod. papel	7,4	9,4	1,8	0,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados

A atividade econômica baiana continuou em tendência de crescimento, apresentando variação de 1,5% no segundo trimestre do ano em relação ao anterior, quando crescera 1,1%, segundo o IBCR-BA. Os setores que mais impulsionaram o resultado foram construção, comércio, e eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduo. Em doze meses, o indicador acumula alta de 4,7%, uma das maiores entre os estados para os quais o indicador é calculado.

A produção industrial baiana avançou no segundo trimestre, alavancada por altas nos principais segmentos, em especial derivados de petróleo, bebidas e calçados. No entanto, o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), mostra que os empresários estão moderadamente pessimistas. Dos quatro grupamentos pesquisados, três situam-se na zona de pessimismo moderado: indústria, serviços e comércio. Apenas a agropecuária segue em otimismo moderado.

Corroborando os dados de confiança do Iceb, o comércio varejista ampliado na Bahia apresentou retração pelo quarto trimestre consecutivo, na comparação com o trimestre anterior. A queda nas vendas deveu-se, principalmente, ao segmento de veículos, mas a maioria dos setores apresentou resultados negativos ou próximos da estabilidade. No sentido oposto, destacaram-se as altas em vestuário, combustíveis, e material de construção.

O volume dos serviços não financeiros prestados na Bahia expandiu 0,8% no segundo trimestre de 2022, em relação ao anterior, quando havia avançado 3,2% neste tipo de comparação. A desaceleração reflete a queda no segmento de outros serviços, apesar do bom desempenho em serviços prestados às famílias e atividades turísticas.

A taxa de desemprego dessazonalizada alcançou seu pico histórico no quarto trimestre de 2020 e vem caindo desde então, situando-se no segundo trimestre deste ano próxima à média histórica da PNADC-T do IBGE. A ocupação manteve o ritmo de crescimento do trimestre anterior, assim como a força de trabalho. O emprego com carteira ganhou fôlego no último trimestre, o oposto do que ocorreu à ocupação por conta própria. O rendimento médio voltou a cair em relação ao trimestre anterior e representa o

Tabela 2.1.2 – Evolução do emprego formal – Bahia

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado (em mil) ^{1/}			
	2021		2022	
	I Tri	II Tri	I Tri	II Tri
Total	43,1	26,4	31,7	44,8
Indústria de transformação	8,7	2,9	5,0	8,9
Comércio	6,0	6,0	-0,7	5,6
Serviços	16,3	11,6	13,5	17,1
Construção civil	6,9	1,5	10,2	7,9
Agropecuária	3,1	2,9	2,4	3,4
Serviços ind. de utilidade pública	0,5	0,9	0,0	0,4
Outros ^{2/}	1,6	0,6	1,3	1,6

Fonte: MTP

1/ Novo Caged sem ajuste.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 2.1.3 – Balança comercial – Bahia

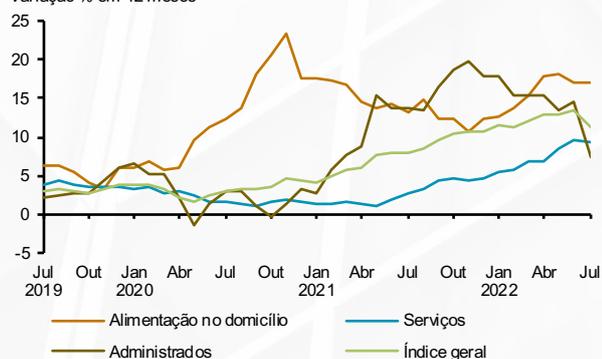
Acumulado 12 meses – Em US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia/Secex

Gráfico 2.1.4 – IPCA – Salvador

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

segundo menor valor da série histórica. Com relação ao emprego formal, dados dessazonalizados do Novo Caged indicam continuidade na criação de postos há sete trimestres consecutivos. Destacaram-se neste segundo trimestre a construção civil e a indústria de transformação.

A produção de cereais, oleaginosas e leguminosas estimada para 2022 representa um novo recorde, segundo o LSPA, com crescimento de 8,2% em relação a 2021. A soja, com a colheita já concluída, sofreu sucessivas revisões para cima e bateu novo recorde pelo terceiro ano consecutivo. Para as outras duas lavouras mais importantes do estado — o algodão e o milho —, estima-se expansão tanto da produção quanto da área cultivada.

A balança comercial da Bahia foi superavitária em US\$1,5 bilhão nos sete primeiros meses do ano, resultado 29,1% superior ao do mesmo período de 2021, refletindo avanços de 50,1% nas exportações e 55,8% nas importações, que somaram US\$8,0 bilhões e US\$6,5 bilhões, respectivamente. O comportamento das vendas externas repercutiu aumentos de 34,7% nos preços e 11,5% no *quantum*. As vendas de produtos básicos avançaram 31,2%, sobressaindo o aumento nos embarques de soja. Entre os produtos manufaturados, destacaram-se as exportações de óleos combustíveis. O incremento nas importações refletiu elevações de 51,5% nos preços e 2,9% no *quantum*, com destaque para as aquisições de bens intermediários (naftas para petroquímica) e de combustíveis e lubrificantes (gás natural liquefeito e óleos brutos de petróleo).

Com relação aos preços, a Região Metropolitana de Salvador registrou arrefecimento da inflação, medida pelo IPCA, com variação de 1,46% no trimestre encerrado em julho, comparativamente a 3,06% no finalizado em abril. Tal resultado deveu-se, principalmente, à queda dos preços administrados (em especial energia elétrica e gasolina). Em doze meses, o IPCA da região atingiu 11,38%, em julho, comparativamente a 7,99%, no mesmo período do ano anterior, repercutindo a aceleração dos preços livres.

Em síntese, a economia baiana segue em recuperação, apesar do desempenho aquém do esperado nas vendas do comércio e em serviços. A evolução positiva do mercado de trabalho, associada à recuperação da indústria e do setor de serviços, contribuem para a manutenção de perspectivas favoráveis para a atividade econômica no estado.

2.2 Ceará

Gráfico 2.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Ceará

Dados dessazonalizados

2019 = 100

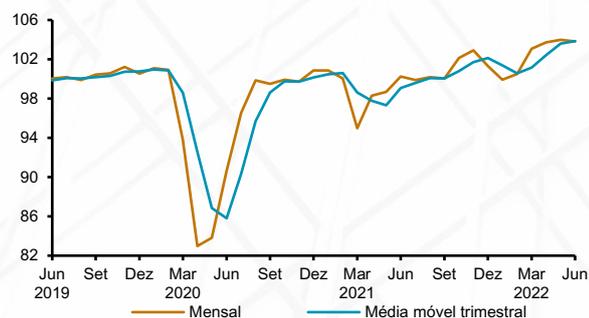
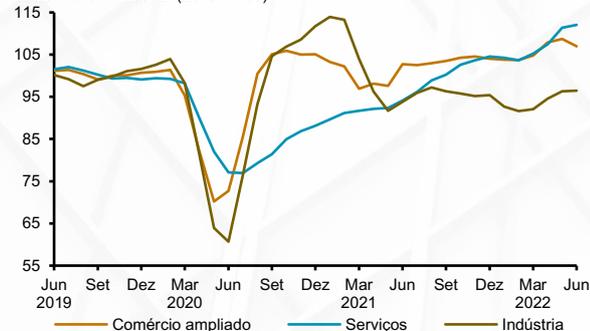


Gráfico 2.2.2 – Comércio, serviços e indústria – Ceará

Dados dessazonalizados

Média móvel trimestral (2019 = 100)

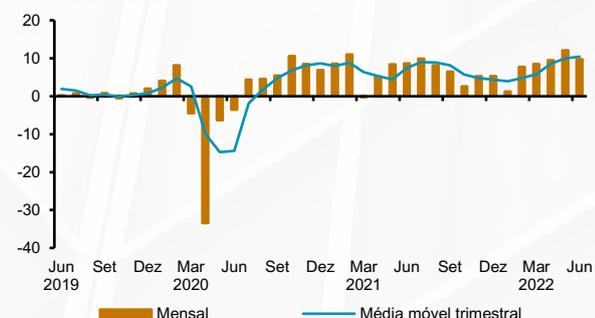


Fonte: IBGE

Gráfico 2.2.3 – Geração de emprego formal – Ceará

Varição do estoque de postos de trabalho – Em milhares

Dados dessazonalizados



Fonte: MTP

A atividade econômica do Ceará acelerou a taxa de crescimento no segundo trimestre de 2022, favorecida pela continuidade do processo de normalização dos segmentos mais atingidos pela pandemia, com destaque para os serviços (especialmente os relacionados ao turismo), bem como a indústria. Nesse cenário, o IBCR-CE cresceu 2,7% no período (ante recuo de 0,9% no trimestre encerrado em março).

De acordo com dados da PMC divulgados pelo IBGE, as vendas do comércio ampliado cresceram 2,1% no trimestre encerrado em junho, com elevações nos principais segmentos. Do lado negativo, destacou-se a queda na comercialização de material de construção. No ano, houve alta de 6,1% nas vendas no comércio cearense.

Dados mais contemporâneos continuam mostrando desempenho favorável no comércio cearense. As vendas de automóveis e comerciais leves subiram 12,8% no trimestre terminado em julho, segundo dados dessazonalizados da Fenabrave. No mesmo sentido, as vendas de motos, que em unidades vendidas são maiores do que as de autos e comerciais leves, registraram crescimento de 8,4% no ano até julho.

O volume de serviços não financeiros cresceu 6,5% no segundo trimestre, com alta generalizada, destacando-se os segmentos de serviços prestados às famílias (16,6%) e de atividades turísticas (11,9%). Todos os segmentos pesquisados já recuperaram o nível verificado antes da pandemia. No ano, o indicador agregado aponta alta de 17,6%.

Em linha com a recuperação mostrada pela PMS nas atividades turísticas no estado, dados da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – Ceará (ABIH-CE) mostram aumento da ocupação de hotéis e similares (77,6% em julho, com taxa média de 66,9% em 2022 ante 38,8% em igual período de 2021).

Segundo a PNADC-T do IBGE, a taxa de desocupação dessazonalizada atingiu 10,3% no segundo trimestre do ano, ante 10,5% no anterior, com a população ocupada crescendo mais do que a força de trabalho. Dados do Novo Caged continuam mostrando saldo líquido positivo de postos de trabalho no trimestre finalizado em junho, sendo indústria de transformação, atividades profissionais e

administrativas e comércio os setores que mais contribuíram para o resultado.

Gráfico 2.2.4 – Balança comercial – Ceará

Acumulado em 12 meses – Em US\$ bilhões



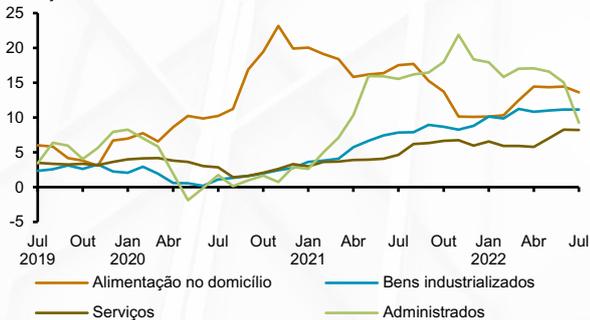
Fonte: Ministério da Economia/Secex

A atividade industrial cearense cresceu 4,7% no trimestre finalizado em junho, de acordo com dados dessazonalizados da pesquisa do IBGE. O resultado refletiu, principalmente, aumentos nos segmentos de couro e calçados, derivados de petróleo e biocombustíveis e bebidas. O Índice de Confiança do Empresário Cearense, compilado pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), manteve-se estável em julho de 2022 em relação a abril de 2022, permanecendo na área de otimismo (acima de 50 pontos).

Segundo dados do Ministério da Economia, a balança comercial cearense registrou aumento do *deficit* nos primeiros sete meses de 2022, comparado ao mesmo período do ano anterior, refletindo, sobretudo, o incremento dos preços das importações, com ênfase nas maiores aquisições de combustíveis e lubrificantes.

Gráfico 2.2.5 – IPCA – Região Metropolitana de Fortaleza

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

O IPCA da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) variou 1,37% no trimestre encerrado em julho, desacelerando em relação ao finalizado em abril, 3,48%. A queda nos preços da gasolina, do gás de botijão e da energia elétrica e a desaceleração em itens de preços livres foram responsáveis pela menor variação trimestral local desde janeiro de 2020. Nos doze meses finalizados em julho, a inflação na RMF foi de 10,19%, com desaceleração nos preços monitorados e aceleração nos dos livres comparativamente ao mesmo período do ano anterior.

A economia cearense vem mostrando crescimento condizente com a normalização das atividades que pressupõem mais interações sociais, especialmente as relacionadas ao turismo, além de parte da atividade fabril. Medidas tomadas pelo governo, como políticas temporárias de apoio à renda e desonerações tributárias, podem beneficiar a atividade econômica do estado no curto prazo.

2.3 Pernambuco

Gráfico 2.3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Pernambuco
Dados dessazonalizados

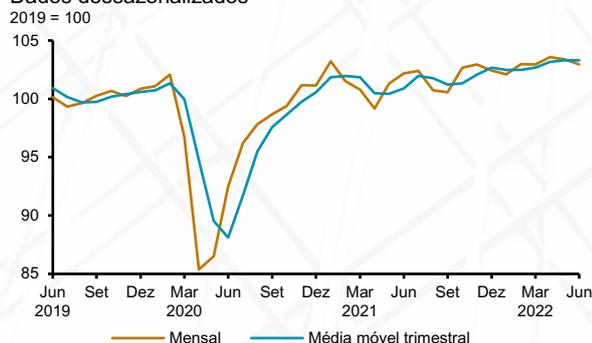
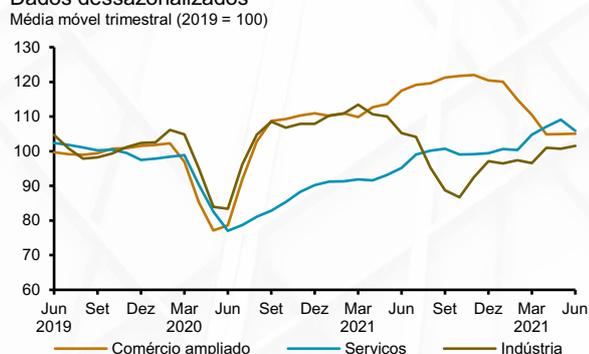


Gráfico 2.3.2 – Comércio, serviços e indústria
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 2.3.1 – Volume de serviços – Pernambuco

Serv. empresariais não financeiros, exceto saúde e educação

Segmentos	Variação % no período		
	2022		
	Mar ^{1/}	Jun ^{1/}	12 meses
Total	6,5	1,1	14,2
Serviços prestados às famílias	4,6	1,0	41,5
Serviços de informação e comunicação	-2,9	3,4	3,3
Serviços profissionais e administrativos	8,3	0,8	18,1
Transportes e correio	4,2	1,0	14,6
Atividades turísticas	1,1	2,4	47,0
Outros serviços	9,3	-2,4	3,0

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa ao trimestre encerrado no mês assinalado e o mesmo período do ano anterior.

A atividade econômica pernambucana expandiu 0,6% no segundo trimestre do ano em relação ao anterior de acordo com o IBCR-PE, quando havia ficado estável no mesmo tipo de comparação. Os serviços às empresas e a indústria de transformação foram os destaques positivos, em contraposição ao comércio de veículos e serviços financeiros. Em doze meses, o IBCR-PE avançou 2,2%.

O setor industrial cresceu 5,2% no segundo trimestre, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE ajustada⁷, após desempenho ligeiramente negativo nos três meses encerrados em março. Dentre os catorze segmentos industriais no estado, dez apresentaram expansão, com destaque para bebidas, derivados de petróleo, e borracha e plásticos. Em linha com esse desempenho, os empresários industriais pernambucanos ficaram ainda mais otimistas. O Icei, apurado pela Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe), alcançou 57,8 pontos (55,4 pontos em março), com percepção positiva simultânea para as condições econômicas atuais e as expectativas.

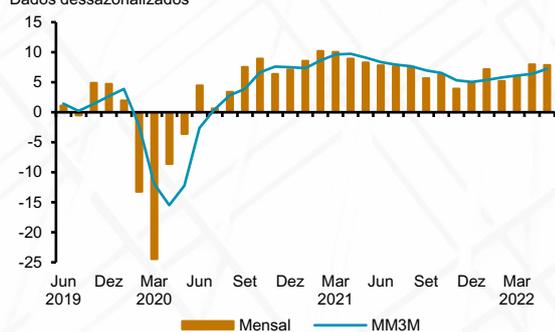
No trimestre até junho, o volume de serviços não financeiros, medido pela PMS do IBGE, cresceu em ritmo mais lento do que o verificado no anterior. A desaceleração alcançou todos os segmentos pesquisados, à exceção de serviços de informação e comunicação. O turismo também continuou em dinâmica positiva, tanto no trimestre quanto no acumulado de doze meses.

No mercado de trabalho, houve continuidade da redução na taxa de desocupação no segundo trimestre, medida pela PNADC-T/IBGE, atingindo seu menor nível desde meados de 2016 (13,5%, dessazonalizados), com maior crescimento da população ocupada em relação à força de trabalho. Por outro lado, os rendimentos reais atingiram o menor nível da série histórica. No mercado de trabalho formal, conforme dados dessazonalizados do Novo Caged, a geração de emprego no trimestre superou a observada no anterior. Destacaram-se, setorialmente, os serviços prestados às empresas e o comércio.

O volume de vendas do comércio ampliado recuou 5,0% no segundo trimestre (alta de 0,6% no restrito), dando sequência à retração verificada no trimestre

7/ Segundo dados da PIM-PF ajustada pelo Banco Central para incorporar os segmentos refino de petróleo e fabricação de automóveis, que ainda não fazem parte da pesquisa do IBGE em Pernambuco, a qual se baseia na estrutura produtiva de 2010, quando tais atividades ainda não existiam.

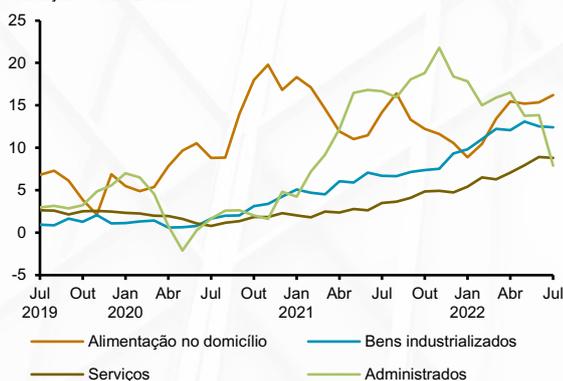
Gráfico 2.3.3 – Geração de emprego formal – PE
 Variação do estoque de postos de trabalho – Em milhares
 Dados dessazonalizados



Fonte: MTP/Novo Caged

Gráfico 2.3.4 – IPCA – Pernambuco

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

anterior, de acordo com a PMC do IBGE. Dentre os segmentos pesquisados, destaque para a contração na venda de veículos, após expressiva alta observada em 2021. Ainda assim, o Icec de Pernambuco avançou no campo otimista, no trimestre até julho, enquanto os consumidores permaneceram cautelosos, de acordo com a ICF.

Houve retração de 30,7% no emplacamento de automóveis e comerciais leves nos doze meses até julho, enquanto o segmento de motos cresceu 15,1%, de acordo com dados da Fenabrave. No trimestre houve crescimento nos emplacamentos de automóveis e motos.

Na agricultura, após o aumento de 5,2% na produção de cana-de-açúcar em 2021, o LSPA de julho projeta, para 2022, estabilidade no nível de produção. Para a uva, o levantamento prevê elevação moderada na colheita, depois de expansão expressiva em 2021.

O IPCA da Região Metropolitana de Recife desacelerou para 1,26% no trimestre até julho - menos da metade do observado no trimestre anterior -, por influência da retração nos preços monitorados (-1,44%), enquanto os preços livres aumentaram 2,28%. No recorte por grupo, a queda nos preços ocorreu apenas nos transportes, como consequência da redução na alíquota de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre combustíveis. Na margem, a variação de -0,42%, registrada no mês de julho, foi a menor taxa anotada desde agosto de 2010, influenciada, sobretudo, pela queda dos preços de transportes (gasolina) e habitação (energia). No acumulado em doze meses, o IPCA alcançou 10,69%, abaixo da inflação média da região, mas acima do registrado para o país. A disseminação no aumento dos preços arrefeceu, como mostra a redução - para 56,3% - do índice de difusão.

No período mais recente, Pernambuco apresentou crescimento moderado, refletindo resultados mistos (crescimento da indústria e serviços e queda do comércio). Nos próximos meses, a expectativa é de que o influxo de recursos provenientes de políticas temporárias de apoio à renda, em ambiente de desaceleração nos preços, contribua para estimular a atividade no estado.

Região Centro-Oeste

3

Gráfico 3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Centro-Oeste

Dados dessazonalizados

2019 = 100

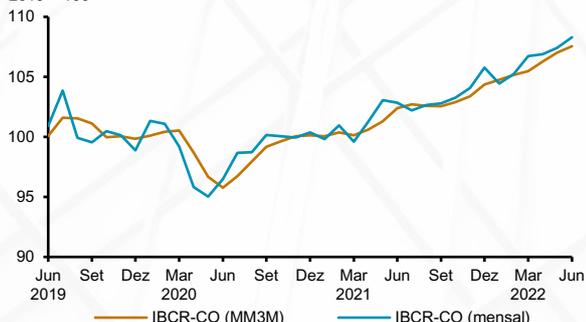


Tabela 3.1 – Produção agrícola – Centro-Oeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2021	2022	
Grãos	87,9	116 484	130 358	11,9
Soja	51,0	61 262	61 921	1,1
Milho	24,6	49 792	62 397	25,3
Algodão (caroço)	9,3	2 593	3 083	18,9
Feijão	1,8	701	662	-5,6
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	8,8	139 268	139 880	0,4

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de julho de 2022.

Tabela 3.2 – Produção industrial – Centro-Oeste

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2021		Ac. 12 meses
		2021	2022	
Indústria geral	100,0	3,3	0,2	3,4
Indústrias extrativas	4,6	6,1	0,9	18,0
Indústrias de transformação	95,4	3,2	0,2	2,9
Produtos alimentícios	55,7	4,6	-0,7	4,5
Deriv. petróleo e biocomb.	10,4	12,6	5,2	-7,3
Veículos, reb. e carrocerias	7,4	-5,7	-2,2	49,4
Outros produtos químicos	3,8	-16,2	6,1	-1,2
Minerais não-metálicos	4,5	4,8	8,1	6,4

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia do Centro-Oeste continuou em trajetória de crescimento no segundo trimestre de 2022. O IBCR-CO apresentou alta de 2,0% frente ao trimestre anterior, quando crescera 1,1%, considerados dados dessazonalizados. Sobressaíram no período o comércio, a agricultura, a construção civil e os serviços às famílias. No acumulado de doze meses, o IBCR-CO cresceu 4,6%.

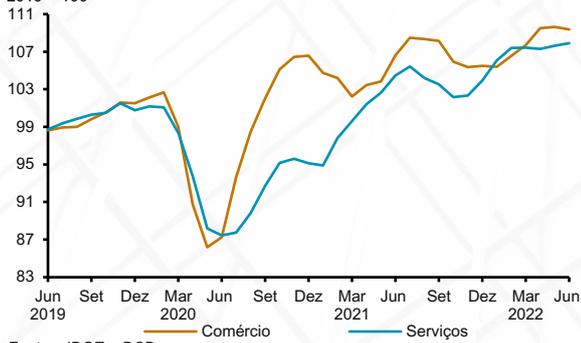
O LSPA de julho, divulgado pelo IBGE, aponta para uma safra recorde em 2022, acima da projetada em abril, influenciada, principalmente, pela expansão expressiva na colheita do milho, depois do resultado negativo registrado em 2021. A cultura da soja sofreu com a estiagem e calor excessivo no sul do Mato Grosso do Sul e deve crescer ligeiramente em 2022.

As vendas externas da região, impulsionadas pelas exportações do complexo da soja e de milho, cresceram 35,7% nos primeiros sete meses do ano, refletindo a elevação dos preços internacionais das *commodities* agrícolas. Como resultado, a balança comercial do Centro-Oeste apresentou *superavit* de US\$23,5 bilhões, aumento de 24,4% em relação ao do mesmo período do ano anterior, sendo a única região com crescimento expressivo do saldo comercial.

A indústria cresceu pelo terceiro trimestre consecutivo, embora em menor ritmo, de acordo com dados dessazonalizados. Esse resultado foi influenciado principalmente pelo desempenho positivo da produção de derivados de petróleo e biocombustíveis, e da indústria farmacêutica. Por outro lado, houve queda na produção de alimentos, principal segmento da indústria do Centro-Oeste. A produção de veículos e do segmento metalúrgico também recuaram no trimestre.

Em julho, o Icel do Centro-Oeste, divulgado pela CNI, retornou aos 57,6 pontos registrados em abril após subir nos últimos dois meses. O indicador, influenciado pelo comportamento do índice de expectativas (61,7 pontos em julho), continua sinalizando otimismo dos empresários.

Gráfico 3.2 – Comércio e serviços – Centro-Oeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fontes: IBGE e BCB

Tabela 3.3 – Evolução do emprego formal – Centro-Oeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{2/}				
	2021			2022	
	Jun	Set	Dez	Mar	Jun
Total	82,0	86,2	13,2	95,1	93,8
Indústria de transformação	13,9	10,4	-7,6	11,0	11,5
Comércio	17,0	19,2	14,8	4,6	16,0
Serviços	29,2	40,6	15,9	48,2	40,7
Construção civil	13,5	10,5	-5,1	14,5	13,2
Agropecuária	6,1	3,8	-5,2	16,0	11,3
Serviços ind. utilidade pública	1,1	1,0	0,5	0,0	0,4
Outros ^{1/}	1,1	0,7	-0,2	0,8	0,8

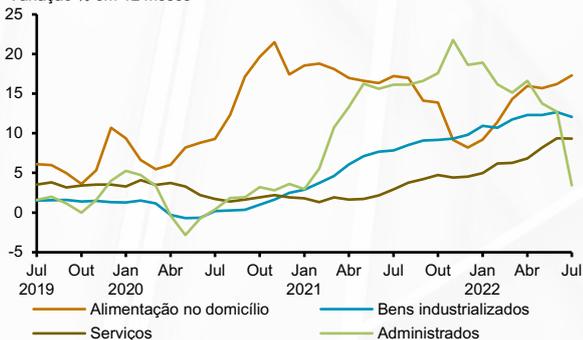
Fonte: MTP

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

2/ Refere-se ao trimestre finalizado no mês assinalado.

Gráfico 3.3 – IPCA – Centro-Oeste

Variação % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

Os indicadores de demanda na região cresceram no segundo trimestre, desacelerando na margem em relação ao trimestre anterior.

O volume das vendas do comércio ampliado expandiu 1,6%, conforme dados com ajuste sazonal da PMC do IBGE, refletindo principalmente o aumento nas vendas de veículos. Houve crescimento no Mato Grosso do Sul, no Mato Grosso e no Distrito Federal e queda em Goiás. No mesmo sentido do comércio, o volume de serviços cresceu 0,5% no segundo trimestre, com altas em Mato Grosso do Sul e Goiás. Destaque para as elevações nos serviços às famílias e em transportes.

No mercado de trabalho, segundo dados do Novo Caged, foram criados empregos formais em todos os setores no segundo trimestre de 2022, especialmente em serviços. Comparativamente ao mesmo trimestre de 2021 houve incremento de 14,5% na geração de postos de trabalho.

Conforme a pesquisa da PNADC-T do IBGE, a taxa de desemprego na região atingiu 6,9% no segundo trimestre, registrando redução de 1,0 p.p. em relação ao trimestre anterior, considerados dados dessazonalizados. O resultado reflete aumento do número de ocupados em intensidade superior ao da força de trabalho.

O IPCA do Centro-Oeste⁸ registrou variação de -0,49% no trimestre finalizado em julho, desacelerando significativamente em relação ao encerrado em abril, quando registrara variação de 3,78%. A redução se concentrou nos preços administrados, mais precisamente na gasolina e na energia elétrica residencial. O índice de difusão no trimestre recuou para 67,2%, frente a 73,0% no anterior.

A redução ocorrida em julho impactou a inflação em doze meses na região, que alcançou 9,37%, ante 12,01% nos doze meses encerrados em abril. A desaceleração mais significativa ocorreu justamente nos preços administrados, que variaram 3,43%.

A economia do Centro-Oeste continuou evoluindo positivamente no segundo trimestre de 2022. Prospectivamente, parte da colheita do milho segunda safra ocorrerá no terceiro trimestre, com reflexos na indústria de alimentos e em transportes e armazenamento. Além disso, as políticas temporárias de apoio à renda podem ter efeito positivo sobre

8/ Agregação dos índices das cidades de Brasília, Goiânia e Campo Grande.

a atividade no curto prazo, contribuindo para a manutenção da recuperação do setor de serviços e do mercado de trabalho.

Gráfico 4.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Sudeste

Dados dessazonalizados

2019 = 100

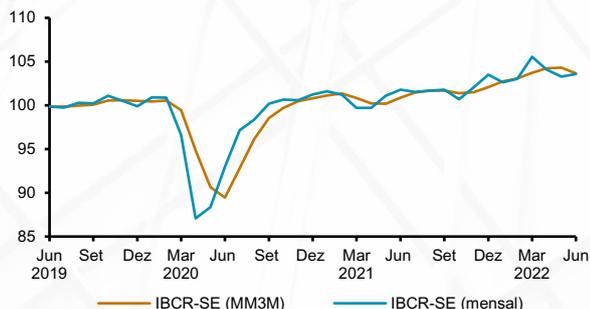
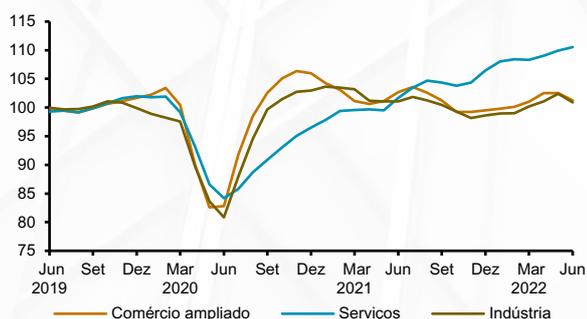


Gráfico 4.2 – Comércio, serviços e indústria – Sudeste

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2019 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.1 – Produção industrial – Sudeste

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2021		
		Mar ^{2/}	Jun ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	1,6	0,7	-1,6
Indústrias extrativas	11,8	2,4	-0,7	0,4
Indústrias de transformação	88,2	2,2	1,2	-1,9
Veículos, reb. e carrocerias	13,3	-4,8	8,1	-3,9
Produtos alimentícios	12,9	18,7	-7,8	-9,9
Deriv. petróleo e biocombustíveis	12,2	-3,6	6,9	7,5
Metalurgia	7,7	0,4	0,6	3,8
Outros produtos químicos	5,8	3,8	5,4	0,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VT1, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia do Sudeste perdeu ritmo no segundo trimestre, refletindo sobretudo o arrefecimento da expansão do comércio e o recuo dos serviços financeiros. Nesse cenário, o IBCR-SE variou -0,1% no trimestre, em relação ao trimestre imediatamente anterior (1,6%), influenciado pelo desempenho de São Paulo (-0,5%), enquanto os demais estados apresentaram avanço, com destaque para Minas Gerais (1,5%). No acumulado em doze meses até junho, a economia da região registrou incremento de 2,6%.

O aumento das vendas do comércio ampliado desacelerou para 0,2% no segundo trimestre em relação ao anterior, quando havia crescido 1,5%. Houve avanço em cinco dos dez segmentos pesquisados, com destaque para equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, além de combustíveis. Em sentido oposto, segmentos mais sensíveis ao crédito e à elevação da taxa de juros, como os de material de construção, veículos, motocicletas, partes e peças e móveis e eletrodomésticos, apresentaram retração.

O setor de serviços continuou o processo de retomada pós pandemia, refletindo a normalização das atividades fora de casa. Nesse sentido, o volume de serviços não financeiros apresentou expansão de 2,0% no segundo trimestre, mantendo o bom desempenho observado nos três meses anteriores (1,8%) e superando o nível pré-pandemia. Houve avanço em todos os segmentos, sobressaindo o de serviços prestados às famílias.

A indústria cresceu 0,7% no segundo trimestre, desacelerando em relação ao primeiro (1,6%). Houve alta em quinze dos 22 setores pesquisados, com as maiores contribuições positivas vindas dos segmentos de derivados de petróleo e biocombustíveis e veículos automotores. Do lado negativo, destacaram-se as atividades de fabricação de produtos alimentícios, de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos e da indústria extrativa.

Tabela 4.2 – Evolução do emprego formal – Sudeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2021		2022		
	Jun	Set	Dez	Mar	Jun
Total	366,5	490,1	163,7	290,9	386,4
Indústria	48,9	79,7	-30,1	57,5	59,5
Comércio	61,0	105,5	105,5	-40,4	60,1
Serviços	153,3	253,6	132,7	213,7	189,6
Construção civil	27,2	40,7	-9,2	52,2	36,6
Agropecuária	76,1	10,5	-35,2	7,9	40,6

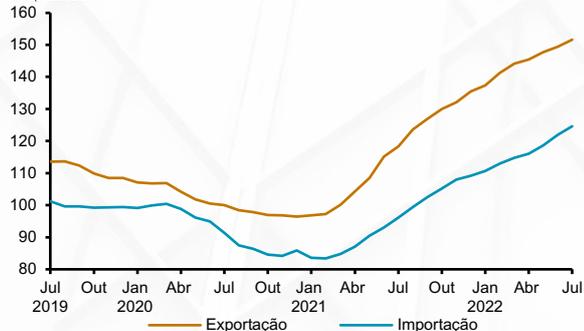
Fonte: MTP

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

Gráfico 4.3 – Balança comercial – Sudeste

Acumulado em 12 meses

US\$ bilhões



Fonte: Ministério da Economia

Gráfico 4.4 – Evolução do IPCA e Preços – Sudeste

Variação em 12 meses – %



Fontes: IBGE e BCB

A manutenção de trajetória de crescimento impactou a confiança do empresário industrial, com aumento do Icei, que atingiu 56,5 pontos na média do trimestre finalizado em julho, após alcançar 54,6 pontos, no encerrado em abril.

No mercado de trabalho, a taxa de desocupação dessazonalizada da PNADC-T recuou de 10,7% no primeiro trimestre para 9,2% no segundo, consequência da elevação da população ocupada acima da verificada na força de trabalho. De acordo com o Novo Caged, houve criação de postos formais de trabalho no trimestre encerrado em junho, principalmente no setor de serviços – notadamente nos segmentos alojamento e alimentação e atividades administrativas e serviços complementares.

O *superavit* da balança comercial do Sudeste cresceu de US\$16,0 bilhões, nos primeiros sete meses de 2021, para US\$16,6 bilhões, em igual período de 2022. O desempenho foi condicionado pelo aumento das exportações, beneficiadas pela elevação dos preços, com destaque para as vendas de óleos brutos de petróleo, café cru e soja em grão, além de óleos combustíveis. As importações, também impulsionadas pelo aumento dos preços, avançaram, com ênfase nas maiores aquisições de bens intermediários, além de combustíveis e lubrificantes.

A variação trimestral do IPCA passou de 3,75% em abril para 0,61% em julho, refletindo desaceleração dos preços livres e redução dos monitorados. O comportamento dos preços livres resultou, principalmente, da desaceleração nos reajustes de alimentação no domicílio. Por sua vez, o movimento dos monitorados decorreu, sobretudo, da redução dos preços da gasolina e energia elétrica, refletindo desonerações tributárias. Em doze meses, o IPCA da região atingiu 10,27%, em julho, comparativamente a 8,38%, no mesmo período do ano anterior, repercutindo a aceleração dos preços livres, principalmente no setor de serviços.

Em síntese, o menor dinamismo do comércio e do setor financeiro contribuiu para a relativa acomodação da atividade econômica do Sudeste no segundo trimestre. Prospectivamente, as políticas temporárias de apoio à renda tendem a favorecer a expansão no consumo das famílias, com impactos positivos no comércio e no setor de

serviços. Em sentido contrário, a indústria ainda deve repercutir as dificuldades nas cadeias de suprimento de insumos e a elevação dos custos de produção.

4.1 Minas Gerais

Gráfico 4.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Minas Gerais
Dados desazonalizados

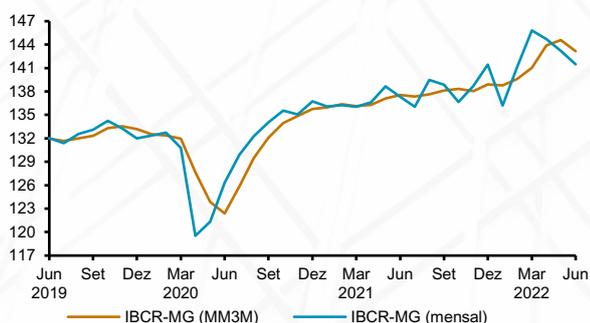


Tabela 4.1.1 – Produção agrícola – Minas Gerais
Itens selecionados

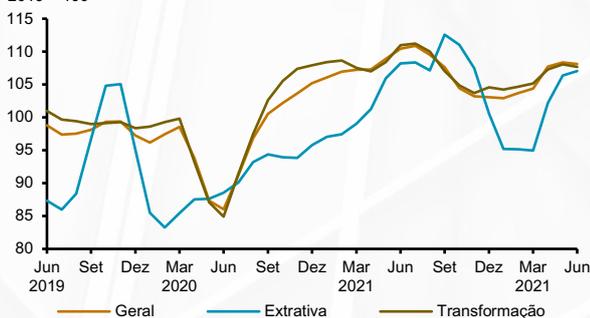
Discriminação	Pesos ^{1/}	Produção ^{2/}		Variação %
		2021	2022	
Grãos	37,7	16 807	17 576	4,6
Soja	17,8	7 165	7 640	6,6
Milho	12,8	7 986	8 297	3,9
Feijão	4,5	525	471	-10,2
Outras lavouras				
Café	34,9	1 628	1 485	-8,8
Cana-de-açúcar	13,0	77 764	75 622	-2,8

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de julho de 2022.

Gráfico 4.1.2 – Produção industrial – Minas Gerais
Dados desazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

A economia de Minas Gerais manteve o ritmo de crescimento no segundo trimestre de 2022. O IBCR-MG registrou expansão de 1,5% ante o trimestre imediatamente anterior, considerados dados dessazonalizados. O segmento de serviços às empresas, o comércio e a indústria se destacaram. Em doze meses o IBCR-MG cresceu 3,7%.

De acordo com dados do LSPA de julho, divulgado pelo IBGE, a produção de grãos em Minas Gerais deve crescer em 2022, influenciada pelas culturas de soja e de milho. A geada intensa em julho do ano passado e o período prolongado de estiagem (junho a setembro de 2021) que atingiram as lavouras de café prejudicaram significativamente a florada e devem impactar negativamente a colheita prevista para este ano, que seria de bialidade positiva.

No mercado internacional, por outro lado, o preço do café teve aumento significativo. Em consequência, nos primeiros sete meses deste ano as exportações desse produto e de soja foram as principais influências para o aumento de 4,6% das vendas externas do estado. Em sentido contrário, as vendas de minério de ferro contribuíram negativamente, em virtude da queda recente do preço dessa *commodity*.

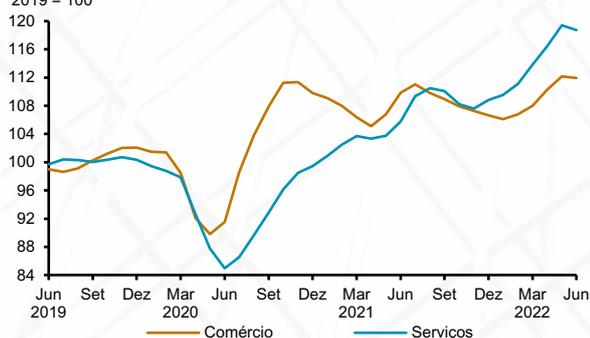
Conforme dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE, a indústria extrativa evoluiu positivamente no segundo trimestre (12,7%), recuperando-se da retração sofrida com as chuvas excessivas em minas de minério de ferro no início deste ano.

A indústria de transformação cresceu 2,4% no mesmo período (0,5% no trimestre anterior), influenciada principalmente pelo desempenho dos segmentos de derivados de petróleo e biocombustíveis, metalurgia, bebidas, e de produção de veículos. Dos treze ramos acompanhados pela pesquisa do IBGE, cinco registraram decréscimo no trimestre, ressaltando-se a produção de alimentos, refletindo a redução da oferta de matérias-primas, principalmente leite, impactada pela queda mais acentuada da produção na entressafra decorrente de efeitos do fenômeno climático de *La Niña* sobre silagem e pastagens.

O Icei de Minas, divulgado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), registrou 57,0 pontos em julho, recuando em relação ao observado em abril. Apesar da ligeira queda, influenciada pelo comportamento do índice

Gráfico 4.1.3 – Comércio e serviços – Minas Gerais

Dados desazonalizados – Média móvel trimestral
2019 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.1.2 – Evolução do emprego formal – Minas Gerais

Novos postos de trabalho

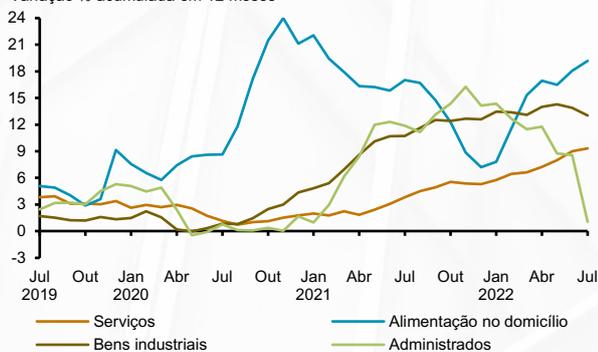
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2021			2022	
	Jun	Set	Dez	Mar	Jun
Total	77,9	107,3	22,6	63,0	81,1
Indústria	16,2	24,0	-6,5	13,3	13,9
Comércio	13,6	22,0	20,4	-8,9	11,5
Serviços	28,2	50,6	21,6	43,1	34,6
Construção civil	11,8	12,9	-12,5	7,0	8,4
Agropecuária	7,9	-2,1	-0,3	8,6	12,8

Fonte: MTP

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

Gráfico 4.1.4 – IPCA RMBH

Variação % acumulada em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

de expectativas, o indicador mostra empresários confiantes pelo 24º mês consecutivo.

Os indicadores de demanda no estado apresentaram expansão acentuada no segundo trimestre, comparativamente ao primeiro, com desempenho superior ao observado na região Sudeste e no país.

No comércio ampliado, conforme dados dessazonalizados da PMC do IBGE, foi registrado crescimento de 3,6%, em decorrência principalmente das contribuições dos ramos de combustíveis e lubrificantes, e hipermercados e supermercados, não obstante a retração em móveis e eletrodomésticos e em veículos.

No setor de serviços, no mesmo período, foi observado aumento de 4,3%, conforme dados com ajuste sazonal da PMS do IBGE. Contribuíram positivamente todos os segmentos do setor, à exceção da atividade de outros serviços.

No mercado de trabalho, houve aumento de 4,2% na geração de empregos no segundo trimestre, ante o mesmo período de 2021, conforme o Novo Caged, com destaque para os incrementos em serviços e agropecuária. Segundo dados dessazonalizados da PNADC-T do IBGE, a taxa de desocupação no estado caiu 1,6 p.p. no segundo trimestre (7,2%), ante o primeiro, reflexo da expansão da população ocupada e queda da força de trabalho.

A inflação na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), medida pela variação do IPCA, reduziu para 0,02% no trimestre terminado em julho, com desaceleração expressiva em relação ao encerrado em abril (3,61%). Tal como no restante do país, esse resultado repercutiu, principalmente, o efeito das desonerações tributárias sobre gasolina e energia elétrica ocorridas em julho, quando o índice recuou 1,07%. Por consequência, houve variação negativa nos preços administrados e desaceleração dos bens industrializados no trimestre. O núcleo de alimentação em domicílio também variou significativamente abaixo dos três trimestres anteriores. O índice de difusão recuou para 65,1% ante 70,3% na média dos três meses anteriores. O IPCA variou 9,42% nos doze meses até julho frente a 11,51% no mesmo período até abril.

Em resumo, a economia mineira seguiu em expansão no segundo trimestre, com crescimento disseminado entre as atividades. Prospectivamente, a política

temporária de transferência de renda implementada no segundo semestre reforça a expansão econômica no curto prazo, com desdobramentos positivos sobre o mercado de trabalho .

4.2 Rio de Janeiro

Gráfico 4.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Rio de Janeiro

Dados dessazonalizados

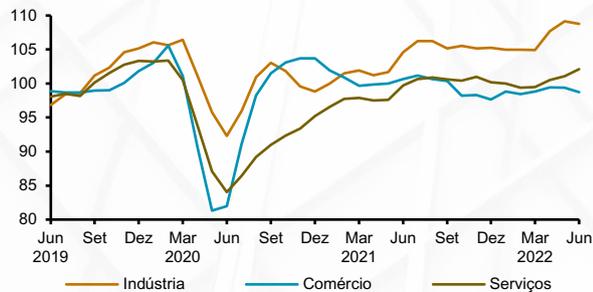
2019 = 100



Gráfico 4.2.2 – Comércio, serviços e indústria – Rio de Janeiro

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2019 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.2.1 – Produção industrial – Rio de Janeiro

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2022	Variação % no período		
		2022		
		Mar ^{2/}	Jun ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	-0,3	3,7	3,9
Indústrias extrativas	28,1	6,1	-5,2	0,2
Indústrias de transformação	71,9	-3,2	8,8	6,2
Deriv. petróleo e biocomb.	25,9	-15,0	24,4	9,0
Metalurgia	10,4	-1,9	1,4	-2,4
Veículos, reb. e carrocerias	5,8	4,5	1,5	8,6
Outros produtos químicos	5,2	-3,5	4,7	6,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia fluminense seguiu em trajetória de recuperação no segundo trimestre. A indústria e o setor de serviços avançaram no período, beneficiados pelo bom desempenho de parte da cadeia de petróleo no estado. Nesse contexto, o IBCR-RJ cresceu 0,5% no segundo trimestre de 2022, em relação ao trimestre anterior (1,0%), segundo dados com ajuste sazonal. Considerados períodos de doze meses, o indicador avançou 3,9% em junho (-0,4% em junho de 2021).

O consumo de bens das famílias fluminenses, medido pela vendas do comércio ampliado da PMC, ficou estável no segundo trimestre. O resultado do período refletiu a melhora das vendas de importantes segmentos, como veículos, combustíveis e supermercados, compensada principalmente pelo desempenho negativo de móveis e eletrodomésticos.

Já o volume de serviços não financeiros retornou ao campo positivo no segundo trimestre, alcançando patamar próximo ao observado antes do começo da pandemia. O crescimento foi disseminado em todas as atividades, com destaque para os transportes e os serviços prestados às famílias.

As atividades turísticas, importante segmento do setor de serviços no estado, também apresentou crescimento no período, em linha com o incremento da média de voos diários nos dois principais aeroportos do estado. Esse indicador, que em abril representava 72% do número observado no período pré-pandemia, alcançou 77% em julho. Destaque para os voos domésticos, que alcançaram patamar superior ao registrado antes da crise sanitária.

Assim como o setor de serviços, a indústria fluminense apresentou expansão no segundo trimestre. O resultado refletiu o crescimento da indústria de transformação, em especial do segmento de derivados de petróleo e biocombustíveis, beneficiado pela conclusão da parada programada e pelo incremento no fator de utilização da refinaria do estado. Paralelamente, a construção civil e o setor de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduo também registraram desempenho positivo no período. Em linha com a atividade industrial, a confiança do empresariado aumentou no trimestre finalizado em julho (56,5 pontos) – a componente relativa às condições atuais mostrou neutralidade (50 pontos), e a referente às expectativas seguiu indicando otimismo (59,8 pontos).

Tabela 4.2.2 – Evolução do emprego formal – Rio de Janeiro

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{2/}				
	2021			2022	
	Jun	Set	Dez	Mar	Jun
Total	37,9	62,6	50,7	33,5	65,6
Indústria de transformação	2,6	7,2	2,4	0,9	5,2
Comércio	6,7	14,0	22,2	-14,5	6,1
Serviços	22,5	34,1	24,8	31,1	39,3
Construção civil	2,6	5,7	1,6	10,6	9,4
Agropecuária	2,6	-0,2	-1,5	0,4	1,2
Serviços ind. utilidade pública	-0,1	0,7	1,3	2,6	2,8
Outros ^{1/}	1,1	1,2	-0,2	2,4	1,5

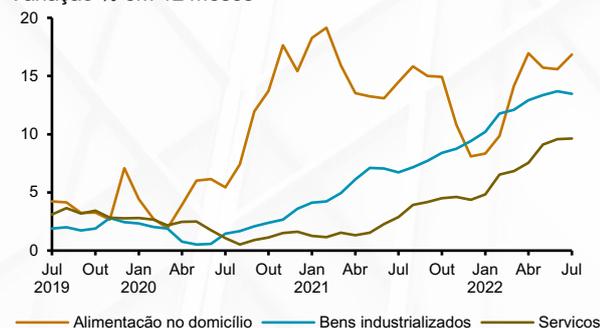
Fonte: MTP

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

2/ Refere-se ao trimestre finalizado no mês assinalado.

Gráfico 4.2.3 – Evolução dos preços livres – Rio de Janeiro

Variação % em 12 meses



No mercado de trabalho, considerados dados dessazonalizados, a taxa de desocupação manteve trajetória de queda iniciada no começo de 2021, registrando, no trimestre finalizado em junho, o sexto recuo seguido (12,5%) nessa base de comparação, reflexo do avanço da população ocupada conjugado ao recuo da força de trabalho. Dados relativos ao emprego formal no estado corroboram a recuperação do mercado de trabalho, em linha com a melhora da atividade, principalmente nos setores de serviços e na construção civil. O índice de emprego formal dessazonalizado, calculado a partir dos dados do Novo Caged, avançou 1,9% no segundo trimestre.

Segundo dados do Ministério da Economia (ME), a balança comercial fluminense registrou aumento do *superavit* nos primeiros sete meses de 2022 (US\$10,1 bilhões), comparado ao mesmo período do ano anterior (US\$6,8 bilhões). O resultado refletiu maior incremento das exportações (34,0%), sobretudo de petróleo, cujas vendas foram beneficiadas pelo preço da *commodity* no mercado internacional. Já as importações avançaram 25,0%, com a queda nas compras de bens de capital mais do que compensada pelo aumento nas aquisições de bens intermediários e, especialmente, de combustíveis (gás natural liquefeito, petróleo e carvão).

O IPCA da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) variou 0,51% no trimestre finalizado em julho, desacelerando em relação ao percentual registrado no trimestre terminado em abril. A desinflação no período repercutiu, sobretudo, a queda dos preços monitorados, destacando-se os recuos da gasolina e da energia elétrica residencial. Os preços livres também arrefeceram, com destaque para alimentação no domicílio. Considerados intervalos de doze meses, o IPCA da RMRJ aumentou 10,57% em julho, ante 7,25% em julho de 2021, refletindo principalmente a aceleração dos preços livres, em especial dos bens industrializados (automóveis novos e usados), e serviços.

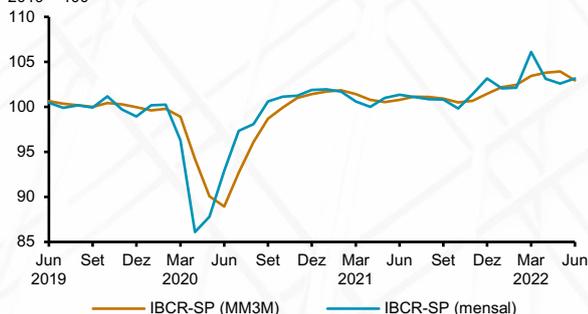
Prospectivamente, a economia fluminense deve permanecer em recuperação. O comércio e o setor de serviços ainda se situam abaixo do nível pré-pandemia e devem ser favorecidos pelas políticas de apoio à renda.

4.3 São Paulo

Gráfico 4.3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – São Paulo

Dados dessazonalizados

2019 = 100



A economia paulista recuou no segundo trimestre, devido principalmente ao arrefecimento da expansão da indústria de transformação e das quedas do comércio, dos serviços financeiros e dos prestados às empresas. O IBCR-SP retraiu 0,5% no trimestre, comparativamente ao primeiro, quando havia crescido 1,9%, considerados dados dessazonalizados. No acumulado em doze meses até junho, a economia de São Paulo cresceu 1,6%.

O comércio ampliado apresentou queda de 1,6% no segundo trimestre, anulando a alta observada no primeiro. Houve retração em cinco dos dez segmentos pesquisados, com destaque para móveis e eletrodomésticos, material de construção e veículos. Em sentido oposto, os segmentos de supermercados e de combustíveis registraram as elevações mais relevantes.

Embora o alívio da pandemia contribua para o crescimento da atividade em alguns segmentos, o aumento da taxa de juros pode ter impactado alguns segmentos do comércio ampliado, principalmente aqueles mais dependentes de crédito. Os índices de confiança da Fecomércio, porém, tanto para os lojistas quanto para os consumidores, indicam visão positiva para a evolução do setor.

O aumento da mobilidade e de atividades fora de casa continua contribuindo para a melhoria do setor de serviços. O volume de serviços não financeiros cresceu 1,3% no segundo trimestre, desacelerando em relação ao trimestre anterior (2%). Houve aumento em todos os segmentos, sobressaindo o de serviços prestados às famílias e o de informação e comunicação.

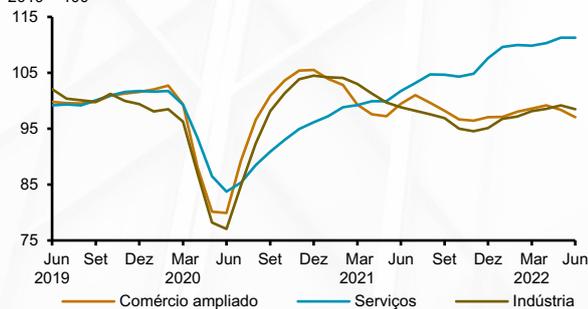
A indústria paulista, segundo a PIM-PF do IBGE, cresceu 0,3% no segundo trimestre do ano, em comparação com o primeiro, quando havia subido 3,2%. Houve alta em onze dos dezoito setores pesquisados, com destaque para fabricação de veículos automotores, outros produtos químicos e produtos têxteis. Adicionalmente, sobressaiu a retração na produção de alimentos, após alta expressiva no trimestre anterior.

Em linha com a produção industrial, segundo dados da Fiesp, o total de horas trabalhadas aumentou 0,4% no trimestre encerrado em junho, após estabilidade no finalizado em março. No mesmo sentido, o nível

Gráfico 4.3.2 – Comércio, serviços e indústria – São Paulo

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2019 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.3.1 – Evolução do emprego formal – São Paulo
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2021			2022	
	Jun	Set	Dez	Mar	Jun
Total	236,7	304,3	83,2	180,6	219,7
Indústria	27,1	45,2	-26,8	37,4	33,6
Comércio	38,0	64,5	56,9	-15,2	38,9
Serviços	96,5	161,0	84,5	128,5	107,1
Construção civil	11,5	19,8	1,8	31,2	18,1
Agropecuária	63,6	13,8	-33,2	-1,2	22,0

Fonte: MTP

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

Gráfico 4.3.3 – Taxa de desocupação – São Paulo
Dados dessazonalizados

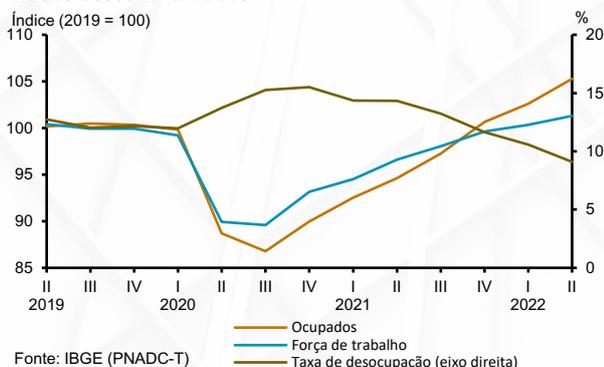
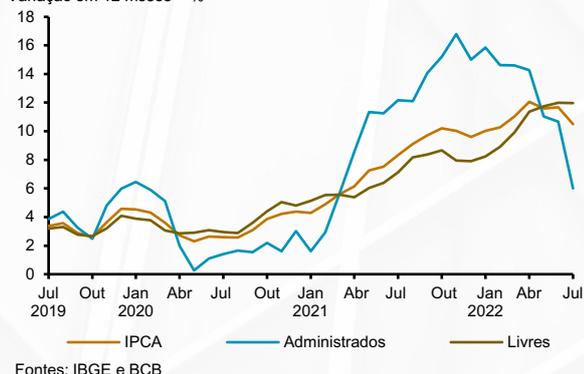


Gráfico 4.3.4 – Evolução do IPCA e Preços – São Paulo
Variação em 12 meses – %



de ociosidade caiu, com o Nuci alcançando 80,4 no mesmo período. O Icel aumentou para 55,3 pontos, na média do trimestre finalizado em julho, reflexo de melhoria na avaliação das condições atuais e nas expectativas, indicando possível continuidade da expansão da atividade nos próximos meses.

Relativamente ao mercado de trabalho, de acordo com dados do Novo Caged, no trimestre encerrado em junho houve criação expressiva de vagas formais, porém aquém das registradas no mesmo período de 2021, em virtude do desempenho da agropecuária. O destaque positivo foi o setor de serviços (alojamento e alimentação e atividades administrativas e serviços complementares).

A taxa de desocupação caiu de 14,5% no segundo trimestre de 2021 para 9,2% no segundo trimestre de 2022, devido às altas na força de trabalho e, ainda mais intensa, da ocupação. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desocupação recuou pelo sexto trimestre consecutivo.

O *deficit* da balança comercial do estado recuou de US\$8,4 bilhões, nos primeiros sete meses de 2021, para US\$7,4 bilhões, em igual período de 2022. Houve aumento das exportações, motivado pela elevação dos preços, com destaque para as vendas de soja em grão, carne de bovino, óleos combustíveis, óleos brutos de petróleo e automóveis de passageiros. O aumento das importações, também resultante de elevações nos preços, foi estimulado pelas maiores aquisições de insumos industriais.

A variação trimestral do IPCA da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) desacelerou, de 3,61% em abril para 0,89% em julho de 2022. Esse resultado refletiu principalmente a variação dos preços monitorados que, na análise trimestral, passou de 2,54% em abril para -2,91% em julho, favorecida especialmente pela queda dos preços da gasolina e da energia elétrica. Contribuiu também a desaceleração dos preços livres, impactados pela alta menos acentuada dos preços de bens industriais e dos de alimentação no domicílio.

Em doze meses, o IPCA da RMSP aumentou de 8,32% em julho de 2021 para 10,50% em julho desse ano. Contribuíram para a aceleração a maior variação dos preços livres, que passaram de 7,12% para 11,97%, com destaque para o aumento nos preços de serviços e alimentação no domicílio. No sentido oposto, houve desaceleração da alta dos preços

monitorados de 12,17% para 6,01%, sobressaindo a contribuição da variação dos preços da gasolina e energia elétrica.

Em resumo, o menor dinamismo do comércio, da indústria e de alguns segmentos de serviços contribuíram para a retração da atividade paulista no segundo trimestre. Prospectivamente, as políticas temporárias de transferência de renda tendem a favorecer a expansão do consumo das famílias. Por outro lado, as dificuldades nas cadeias de suprimento de insumos e a elevação dos custos podem restringir a produção industrial.

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Sul

Dados dessazonalizados
2019 = 100

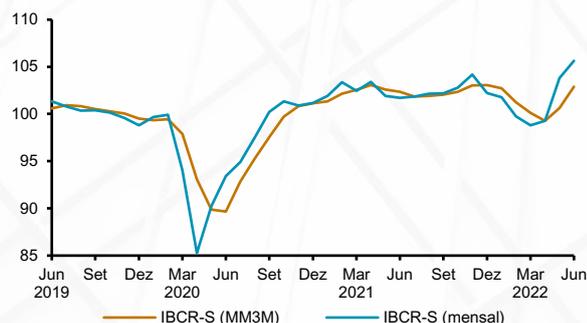
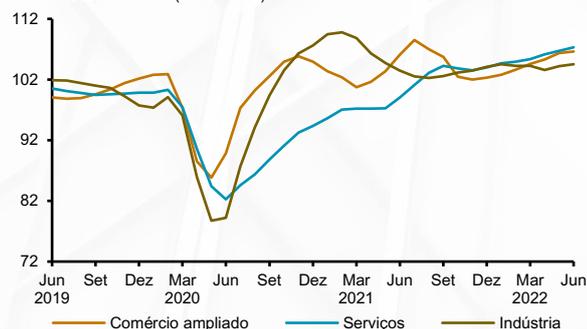


Gráfico 5.2 – Comércio, serviços e indústria – Sul

Dados dessazonalizados
Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Tabela 5.1 – Produção industrial – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} 2022	Variação % no período		
		2022		
		Mar ^{2/}	Jun ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	0,1	0,3	-0,9
Produtos alimentícios	19,1	-2,0	0,0	-1,7
Veículos, reboques e carrocerias	13,1	3,6	-0,8	0,3
Máquinas e equipamentos	9,0	7,2	5,4	8,7
Deriv. petróleo e biocombustíveis	8,4	-2,7	4,2	2,6
Outros produtos químicos	5,8	-8,3	-9,3	0,7
Vestuário	4,1	0,1	8,7	1,8
Calçados	3,4	-4,1	6,2	-1,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

9/ Variações da série com ajuste sazonal e comparativamente ao trimestre anterior, exceto quando diversamente explicitado.

A atividade econômica do Sul registrou recuperação no segundo trimestre de 2022, após recuo no primeiro, quando refletira a quebra na produção de soja. Na margem⁹, além do final da apropriação das safras de verão, houve retomada mais intensa no comércio, na construção e em segmentos da prestação de serviços, sobretudo às famílias, e discreta ampliação da produção industrial. De acordo com o IBCR-S, a economia do Sul cresceu 2,8% no segundo trimestre em relação ao anterior (-2,9%). Em doze meses, o Sul assinalou a menor expansão dentre as regiões, 1,0%, influenciada pelos modestos resultados da agricultura e da indústria.

O comércio e a prestação de serviços não financeiros mantiveram trajetória de expansão no segundo trimestre. Destacou-se o volume de serviços prestados às famílias, com crescimento há quatro trimestres consecutivos e aceleração na margem. De outra parte, houve queda nos serviços de transportes, refletindo menor demanda para o escoamento da produção agrícola. O comércio assinalou expansão generalizada no período, avançando em oito das dez atividades pesquisadas, sobretudo em combustíveis e lubrificantes. As vendas de veículos aumentaram pelo segundo trimestre em sequência e, de acordo com dados dessazonalizados da Fenabreve, continuaram crescendo em julho. Apesar disso, no acumulado dos sete meses deste ano, o número de licenciamentos foi 17,5% inferior àquele de igual intervalo de 2021. A confiança dos agentes segue positiva para os empresários, enquanto os consumidores apresentaram piora em suas avaliações, mantidas em zona que denota pessimismo.

A produção industrial apresentou crescimento moderado e abaixo da média nacional pelo segundo trimestre consecutivo, com resultados mistos entre as UFs e atividades. Dentre as mais relevantes na composição do produto industrial da região, a estabilidade na fabricação de produtos alimentícios decorreu do avanço em SC, haja vista a contração nos demais estados, enquanto a queda na produção

Tabela 5.2 – Produção agrícola – Sul

Itens selecionados

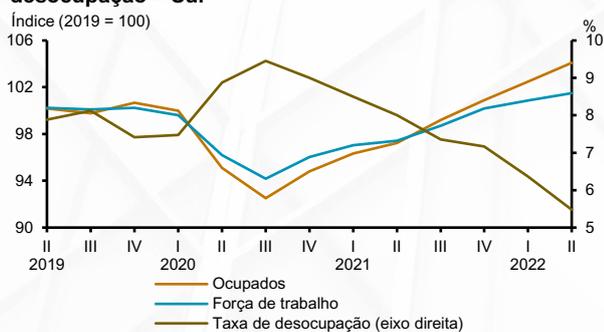
Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}	Variação %	
			2022	2021/2020
Grãos	78,6	66 495	5,2	-13,5
Soja	45,9	23 567	23,8	-44,7
Milho	16,0	22 693	-31,0	48,6
Arroz	8,3	8 793	5,6	-8,8
Trigo	5,1	8 773	31,3	23,8
Feijão	2,4	942	-4,6	28,7
Outras lavouras				
Fumo	5,3	636	2,6	-6,9
Cana-de-açúcar	2,9	35 043	-9,8	-1,0
Mandioca	2,4	3 920	-3,0	-11,9
Batata-inglesa	1,5	1 299	10,8	-6,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de julho de 2022.

Gráfico 5.3 – Ocupados, força de trabalho e taxa de desocupação – Sul^{1/}



Fonte: IBGE (PNADC-T)

1/ Dados dessazonalizados.

Tabela 5.3 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado (em mil) ^{1/}				
	2021			2022	
	Jun	Set	Dez	Mar	Jun
Total	98,1	142,8	28,1	175,3	82,5
Indústria de transformação	27,4	33,8	-21,4	61,4	14,5
Comércio	25,8	32,7	39,3	-3,2	18,1
Serviços	36,4	60,1	27,9	77,2	40,8
Construção civil	7,7	9,2	-9,1	17,5	9,8
Agropecuária	-3,2	0,3	0,1	10,2	-7,1
Serviços ind. de utilidade pública	-0,1	0,4	-0,2	0,7	0,2
Outros ^{2/}	4,2	6,3	-8,4	11,5	6,1

Fonte: MTP

1/ Novo Caged sem ajuste. Refere-se ao ano ou trimestre encerrado no mês.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

de veículos foi determinada pelo PR. Não obstante o crescimento tenha sido pequeno e não disseminado, os empresários mantiveram-se confiantes no trimestre até julho – apenas o componente referente às condições atuais da economia brasileira ficou em zona que ainda denota pessimismo.

De acordo com o LSPA de julho, a produção de cereais, leguminosas e oleaginosas deverá ser 10,4 milhões de toneladas inferior ao ciclo produtivo anterior. O decréscimo resultou da diminuição da safra de verão, especialmente soja, milho, feijão e arroz. A queda tende a ser atenuada pelas maiores produções na 2ª safra (milho e feijão) e nos cultivos de inverno, notadamente o trigo. De modo geral, as condições climáticas mantiveram-se dentro do esperado durante a maior parte do outono-inverno e as geadas ocorridas até o momento não impactaram significativamente a produtividade.

O mercado de trabalho manteve trajetória de recuperação no segundo trimestre, refletindo o aumento na atividade na região. A taxa de desocupação da PNADC-T atingiu 5,6%, com aumentos na força de trabalho e na ocupação. Trata-se da menor taxa observada desde o segundo trimestre de 2015 e o sétimo declínio consecutivo, considerando dados com ajuste sazonal. Com isso, a massa de rendimentos reais apresentou o maior volume desde o segundo trimestre de 2021. Dados do Novo Caged para o mercado formal apontaram geração de postos em dezenove das vinte e uma seções, com destaque para indústria da transformação e comércio, principalmente varejista. No acumulado do ano, a geração de vagas foi inferior à observada no mesmo período de 2021, embora o nível de emprego dessazonalizado permaneça avançando desde o segundo trimestre de 2020.

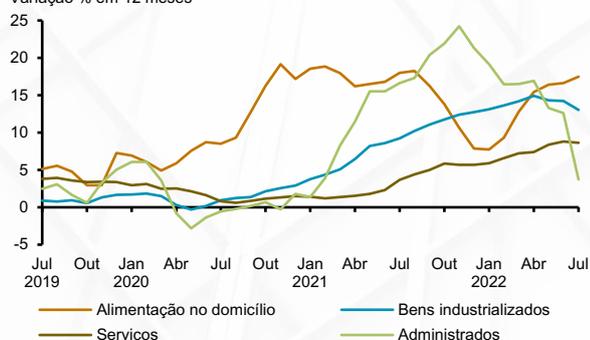
A diminuição da compra de soja em grão e carne suína pela China levou à queda na exportação de produtos básicos, compensada pelo aumento da venda de bens industrializados, com destaque para óleo de soja. Contudo, o *deficit* comercial aumentou significativamente devido à elevação da importação de bens intermediários, sobretudo de adubos e fertilizantes, cujas aquisições para o plantio da nova safra de verão foram antecipadas. Considerando o primeiro semestre, as ampliações nas exportações e importações, relativamente a igual período de 2021, decorreram de variações nos preços, haja vista as reduções de 4,6% e de 5,2% nas quantidades comercializadas.

Tabela 5.4 – Comércio exterior – Sul
Janeiro-julho

Discriminação	US\$ milhões		
	2021	2022	Var. %
Exportações	27 902	31 658	13,5
Básicos	14 830	14 492	-2,3
Industrializados	13 072	17 165	31,3
Semimanufaturados	2 723	3 636	33,5
Manufaturados	10 349	13 529	30,7
Importações	29 313	36 640	25,0
Bens de capital	3 623	4 024	11,1
Bens intermediários	19 987	25 740	28,8
Bens de consumo	4 013	4 399	9,6
Combustíveis	1 685	2 454	45,7
Saldo comercial	-1 411	-4 982	

Fonte: Ministério da Economia

Gráfico 5.4 – IPCA – Sul
Variação % em 12 meses



A forte desinflação observada no IPCA no Sul no trimestre finalizado em julho repercutiu a variação negativa nos preços monitorados, especialmente de gasolina e de energia elétrica, influenciada pela redução de tributos, a exemplo das demais regiões.¹⁰ Os demais segmentos seguem com alta generalizada de preços, especialmente alimentação no domicílio, sobressaindo o reajuste de 54,48% no preço do leite longa vida no trimestre, explicado pela menor oferta do produto no campo.

Prospectivamente, a atividade econômica do Sul tende a se beneficiar das medidas de transferência de renda e da redução de tributos sobre bens essenciais. O mercado de trabalho apresenta processo consistente de retomada, com diminuição da taxa de desocupação nas três UFs, favorecendo a ampliação da renda das famílias. O impulso adicional à demanda, associado, pelo lado da oferta, à permanência de condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento das lavouras de inverno, que sugerem produção regional recorde para o trigo, contribuirão para a melhoria do ritmo de recuperação, com desdobramentos positivos sobre importantes segmentos da indústria, especialmente a fabricação de produtos alimentícios.

10/ A alíquota de ICMS sobre gasolina e energia elétrica passou de 29% para 18% no PR e de 25% para 17% no RS.

5.1 Paraná

Gráfico 5.1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Paraná

Dados dessazonalizados

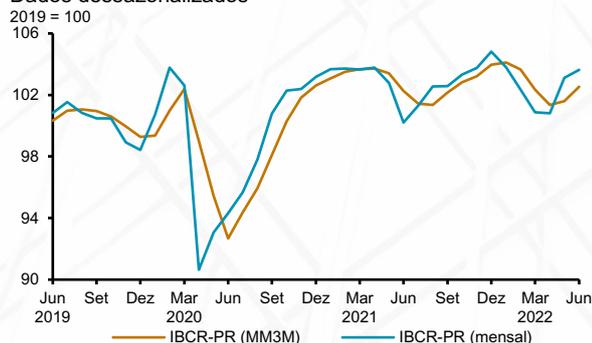
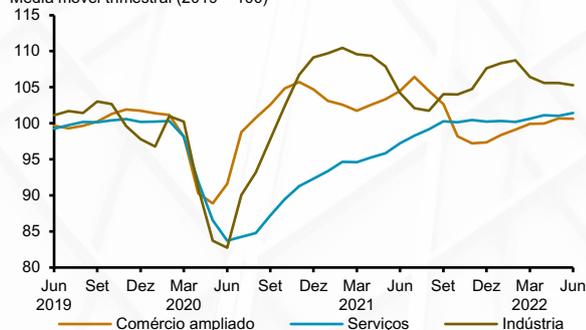


Gráfico 5.1.2 – Comércio, serviços e indústria – PR

Dados dessazonalizados

Média móvel trimestral (2019 = 100)



Fonte: IBGE

Tabela 5.1.1 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2022		
		Mar ^{2/}	Jun ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-1,1	-1,1	0,6
Produtos alimentícios	22,7	-3,8	-2,8	-3,7
Deriv. petróleo e biocomb.	19,1	1,4	0,6	1,5
Veículos, reb. e carrocerias	18,4	1,6	-12,3	5,8
Máquinas e equipamentos	6,7	8,9	-5,6	11,4
Celulose e prod. papel	5,5	3,8	-0,3	2,1
Outros produtos químicos	4,7	-8,2	7,0	5,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia paranaense cresceu 0,2% no segundo trimestre, revertendo a queda observada no anterior, de acordo com o IBCR-PR.¹¹ As elevações na atividade varejista e na prestação de serviços não financeiros compensaram nova retração na produção fabril. O IBCR-PR variou 1,0% nos últimos doze meses, comparativamente a igual intervalo do ano anterior.

Sob a ótica da demanda, os volumes de vendas do comércio e de serviços não financeiros avançaram 0,7% e 0,8%, respectivamente, no segundo trimestre, com moderação na taxa de crescimento do varejo, em decorrência dos fracos resultados das vendas automotivas, de móveis e, pelo quarto trimestre em sequência, de material de construção. Os demais segmentos contribuíram positivamente, sugerindo relativa disseminação do avanço da atividade. No setor de prestação de serviços, destacou-se a alta trimestral dos prestados às empresas e, principalmente, às famílias. O agregado especial de atividades turísticas também assinalou avanço expressivo, porém sem alcançar o nível de fevereiro de 2020.

A confiança dos empresários do comércio voltou a crescer no trimestre finalizado em julho, especialmente pela melhora no componente relativo às condições atuais e recuperação no de expectativas. Contudo, a intenção de consumir das famílias situou-se abaixo do patamar registrado no trimestre encerrado em abril.

A produção industrial paranaense decresceu novamente no segundo trimestre, repercutindo queda em cinco das treze atividades pesquisadas, especialmente a fabricação de veículos, reboques e carrocerias – cuja expansão em junho não reverteu a queda no trimestre –, e de máquinas e equipamentos. Dentre os demais segmentos, assinalem-se as contribuições positivas de produtos de metal, outros produtos químicos e produtos de borracha. A confiança dos empresários da indústria diminuiu ao longo do primeiro semestre, mais fortemente entre os da construção civil, que citam custos elevados de insumos e renda decrescente dos consumidores.

Favorecida por condições climáticas dentro da normalidade durante o período de implantação e desenvolvimento das lavouras na 2ª safra, a

11/ Variações da série com ajuste sazonal e comparativamente ao trimestre anterior, exceto quando diversamente explicitado.

Tabela 5.1.2 – Produção agrícola – Paraná

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}	Variação %	
			2022	2021/2020
Grãos	82,8	35 303	-18,0	6,4
Soja	51,7	12 218	-4,9	-38,5
Milho	21,1	17 633	-41,8	98,8
Trigo	5,3	3 902	2,9	21,5
Feijão	3,6	757	-7,3	39,1
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	5,1	34 455	-10,1	-0,4
Fumo	2,6	155	-16,3	5,8
Mandioca	2,5	2 914	-5,7	-10,8
Batata-inglesa	1,6	792	1,6	2,5
Tomate	0,9	244	-10,6	10,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de julho de 2022.

Tabela 5.1.3 – Evolução do emprego formal – PR

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado (em mil) ^{1/}				
	2021		2022		
	Jun	Set	Dez	Mar	Jun
Total	41,8	51,5	8,9	55,5	36,9
Indústria de transformação	11,2	11,5	-0,8	10,3	8,1
Comércio	11,1	13,8	11,7	0,5	7,3
Serviços	12,7	23,3	4,1	34,6	17,6
Construção civil	3,7	1,4	-6,0	5,0	1,5
Agropecuária	2,0	-0,9	-0,6	2,8	0,1
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,1	0,5	0,0	-0,1
Outros ^{2/}	0,9	2,4	0,0	2,3	2,4

Fonte: MTP

1/ Novo Caged sem ajuste. Refere-se ao ano ou trimestre encerrado no mês.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 5.1.4 – Comércio exterior – Paraná

Janeiro-julho

Discriminação	US\$ milhões		
	2021	2022	Var. %
Exportações	11 096	12 634	13,9
Básicos	5 903	6 029	2,1
Industrializados	5 193	6 605	27,2
Semimanufaturados	1 327	1 730	30,4
Manufaturados	3 866	4 875	26,1
Importações	9 435	12 746	35,1
Bens de capital	1 031	1 160	12,5
Bens intermediários	6 484	9 189	41,7
Bens de consumo	830	912	9,9
Combustíveis	1 090	1 477	35,5
Saldo comercial	1 662	-112	

Fonte: Ministério da Economia

produção paranaense de cereais, leguminosas e oleaginosas deverá crescer, a despeito da quebra na produção de soja. Espera-se evolução significativa nas colheitas de milho e de feijão, reflexo de investimentos, inclusive, na ampliação na área semeada, com o propósito de recuperar as perdas registradas na safra de verão. Segundo produtor nacional de trigo, o PR deve contribuir com 40,3% do total nacional estimado para o cereal, cujo plantio foi realizado em condições satisfatórias.

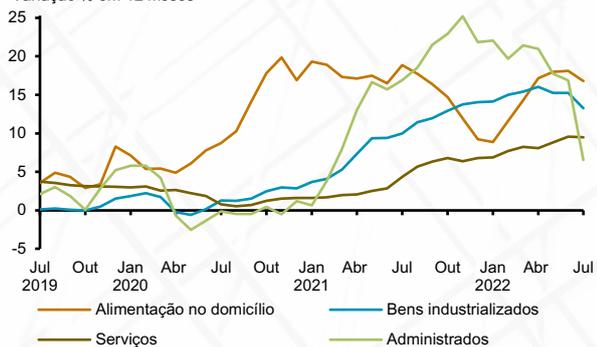
Refletindo a recuperação no mercado de trabalho, a taxa de desocupação (TD) da PNADC-T no segundo trimestre de 2022 (6,1%) foi a menor desde o início de 2016. Dados dessazonalizados apontam o recuo pelo sexto trimestre consecutivo. Em linha com a evolução favorável da TD, a massa de rendimento real aumentou, apresentando o maior volume desde o segundo trimestre de 2021. Dados do Novo Caged para o mercado formal apontaram geração de postos em dezenove das vinte e uma seções, com destaque para indústria da transformação, comércio e atividades administrativas, e serviços complementares. No acumulado do ano, a geração de vagas foi inferior à observada no mesmo período de 2021; no entanto, considerando dados dessazonalizados, o nível de emprego permanece avançando desde o terceiro trimestre de 2020.

As exportações paranaenses de básicos foram prejudicadas pela diminuição da compra de soja pela China, parcialmente compensada pelo aumento da exportação de carne de frango, farelo de soja e milho. O avanço dos embarques de semimanufaturados foi liderado por óleo de soja em bruto e celulose. Os produtos manufaturados também apresentaram bom crescimento de vendas. Nas importações, houve expressivo aumento de compras de herbicidas e fertilizantes.

O IPCA da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) registrou variação negativa no trimestre até julho, derivada da redução de preços monitorados, em especial, da gasolina e energia elétrica residencial, conforme abordado na análise do IPCA da região Sul. Além disso, os segmentos de bens industriais e alimentação no domicílio assinalaram desinflação, não obstante os maiores reajustes nos preços de leite e derivados.

Gráfico 5.1.3 – IPCA – RMC

Varição % em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

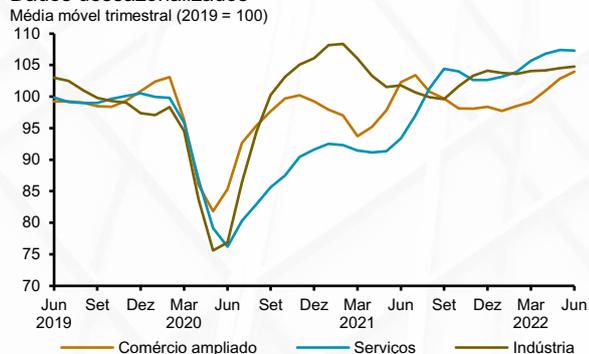
As perspectivas para a economia estadual são favoráveis, dada a retomada observada em importantes segmentos de serviços, com desdobramentos positivos sobre o mercado de trabalho, que registra recuperação consistente no emprego e na massa de rendimentos. No curto prazo, ao impulso adicional à demanda, consubstanciado nas medidas de transferência de renda às famílias, soma-se a estimativa de melhora na oferta, com elevação na produção das lavouras de inverno, especialmente o trigo. Tal cenário é benigno para a produção fabril paranaense, não obstante o menor crescimento esperado para a economia mundial e o ambiente doméstico de ajuste na política monetária.

5.2 Rio Grande do Sul

Gráfico 5.2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Rio Grande do Sul



Gráfico 5.2.2 – Comércio, serviços e indústria – RS



Fonte: IBGE

Tabela 5.2.1 – Produção industrial – Rio Grande do Sul
Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2022		
		Mar ^{2/}	Jun ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	0,0	0,7	-0,3
Produtos alimentícios	15,9	-2,0	-1,2	1,3
Veículos, reboques e carrocerias	13,9	5,1	1,5	-7,7
Máquinas e equipamentos	11,9	7,7	4,9	16,3
Outros produtos químicos	10,8	-8,4	-18,8	-0,9
Artef. couro e calçados	9,3	-4,1	6,2	-1,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação de atividades no VTI, conforme a PIA 2010/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

No segundo trimestre, o IBCR-RS expandiu 5,6%, anulando a queda de igual magnitude observada no trimestre anterior, quando repercutira a quebra das safras de verão. Além da base favorável, o resultado na margem refletiu os bons desempenhos do comércio, da construção e da prestação de serviços, sobretudo às famílias.¹² Em doze meses, o IBCR-RS decresceu 0,2%; dentre as UFs acompanhadas, o RS foi a única a assinalar recuo nessa base de comparação.

Comércio e serviços avançaram no trimestre, com maior intensidade no primeiro e desaceleração no segundo. O volume de vendas do comércio ampliado cresceu 4,8%, com resultados mistos entre as atividades. Destacaram-se os avanços expressivos em combustíveis e lubrificantes¹³ e em tecidos, vestuário e calçados. De outra parte, o comércio de material de construção diminuiu pelo quarto trimestre consecutivo. Na prestação de serviços, a alta de 1,5% foi liderada pelos prestados às famílias e profissionais. Os empresários seguem confiantes na ampliação da demanda, tanto pelo processo de reabertura da economia, quanto pelas medidas de desonerações tributárias.

Do lado da oferta, a atividade fabril manteve ritmo lento, apesar da expansão em oito dos treze segmentos pesquisados. Esse resultado foi negativamente influenciado pela parada de manutenção de empresa do polo petroquímico de Triunfo. Segundo dados dessazonalizados da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), o faturamento real retraiu pelo segundo trimestre consecutivo, porém o Nuci indicou nível de utilização similar à do trimestre anterior, 81%. Apesar da piora na avaliação das condições atuais, os empresários permanecem otimistas, relativamente à evolução do setor.

O LSPA de julho confirmou as perdas significativas nas safras de verão. De outra parte, há perspectiva de clima benigno ao desenvolvimento dos cereais de inverno, especialmente o trigo, do qual o estado é o maior produtor nacional (47%), e a produção deve alcançar recorde histórico. Os preços internacionais elevados, dada a

12/ Variações da série com ajuste sazonal e comparativamente ao trimestre anterior, exceto quando diversamente explicitado.

13/ As vendas cresceram 28,2% no trimestre, ante média nacional de 6,7%. Note-se que no primeiro trimestre, a venda de combustíveis e lubrificantes no RS crescera 14%.

Tabela 5.2.2 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}	Variação %	
			2022	2021/2020
Grãos	79,7	25 520	44,0	-32,3
Soja	43,7	9 327	80,8	-54,3
Arroz	20,2	7 479	6,8	-9,8
Milho	8,0	3 005	4,3	-31,6
Trigo	5,8	4 574	68,5	29,0
Feijão	0,6	85	10,5	-4,7
Outras lavouras				
Fumo	6,4	293	19,4	-15,0
Mandioca	2,3	666	6,5	-21,0
Uva	2,8	735	29,4	-22,7
Batata-inglesa	1,5	405	40,2	-20,8

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2020.

2/ Estimativa segundo o LSPA de julho de 2022.

Tabela 5.2.3 – Evolução do emprego formal – RS

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado (em mil) ^{1/}				
	2021		2022		
	Jun	Set	Dez	Mar	Jun
Total	19,5	40,4	20,3	56,7	21,3
Indústria de transformação	4,6	7,6	-5,3	29,4	4,7
Comércio	6,8	9,2	14,5	-2,9	5,6
Serviços	12,3	17,4	11,0	20,3	10,1
Construção civil	-0,6	3,5	0,0	2,8	4,2
Agropecuária	-3,9	0,7	0,6	5,3	-4,9
Serviços ind. de utilidade pública	-0,6	0,1	-0,7	0,1	0,0
Outros ^{2/}	0,9	1,8	0,2	1,7	1,4

Fonte: MTP

1/ Novo Caged sem ajuste. Refere-se ao ano ou trimestre encerrado no mês.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Tabela 5.2.4 – Comércio exterior – Rio Grande do Sul

Janeiro-julho

Discriminação	US\$ milhões		
	2021	2022	Var. %
Exportações	11 201	12 031	7,4
Básicos	6 429	5 710	-11,2
Industrializados	4 772	6 321	32,5
Semimanufaturados	1 131	1 528	35,1
Manufaturados	3 641	4 793	31,6
Importações	5 835	7 969	36,6
Bens de capital	1 080	1 144	6,0
Bens intermediários	3 750	5 369	43,2
Bens de consumo	468	527	12,6
Combustíveis	535	926	73,2
Saldo comercial	5 366	4 062	-24,3

Fonte: Ministério da Economia

perspectiva negativa para a produção mundial, têm estimulado os produtores a aumentar os investimentos, inclusive em ampliação da área cultivada.

Refletindo a recuperação no mercado de trabalho, a TD da PNADC-T no segundo trimestre de 2022 (6,3%) foi a menor desde o terceiro trimestre de 2015. Dados dessazonalizados apontam o recuo pelo segundo trimestre consecutivo. Em linha com a TD, a massa de rendimento real registrou aumento, apresentando o maior volume desde o segundo trimestre de 2021. Dados do Novo Caged para o mercado formal apontaram geração de postos em dezenove das vinte e uma seções, com destaque para indústria da transformação, construção e comércio. Considerando dados dessazonalizados, o nível de emprego permanece avançando desde o segundo trimestre de 2020.

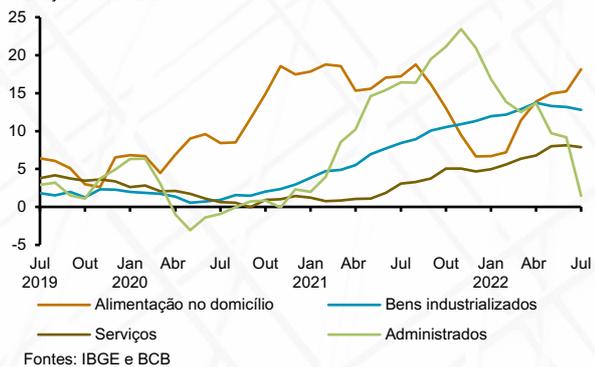
A queda das exportações de básicos foi motivada pela redução da venda de soja em grão, principal produto exportado pelo estado. O destaque positivo no período de janeiro a julho foi o trigo, com aumento expressivo nos embarques (498%). Nos industrializados, além das vendas de óleo de soja, sobressaíram as de automóveis para os países da América Latina – as exportações de automóveis de passageiros, partes e acessórios, para Argentina, que haviam recuado entre 2019 e 2021, aumentaram 90,7% em 2022. Nas importações, foi registrado aumento significativo no valor das aquisições de adubos e fertilizantes, tanto pela antecipação das compras quanto pela alta nas cotações desses produtos.

A desinflação na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), na passagem do trimestre até abril para o encerrado em julho, repercutiu a deflação em monitorados pela redução de tributos, conforme abordado anteriormente. O menor reajuste em alimentação no domicílio – apesar da alta significativa no preço do leite – também contribuiu para o menor índice trimestral.

O cenário da economia gaúcha no primeiro semestre de 2022 foi particularmente desafiador, especialmente pelos impactos das adversidades climáticas sobre a agricultura e por dificuldades nas cadeias de insumos industriais. Prospectivamente, estimam-se efeitos positivos da produção recorde de trigo, inclusive sobre a atividade fabril, e da minoração dos problemas de fornecimento de

Gráfico 5.2.3 – IPCA – RMPA

Varição % em 12 meses



insumos industriais. As medidas de transferência de renda e redução de tributos sobre bens essenciais tendem a alavancar o consumo doméstico, a despeito da continuidade no processo de ajuste na política monetária e da projeção de menor expansão para a economia global.

Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais

6

Gráfico 6.1 – Produção industrial, comércio e serviços
Média móvel de três meses, dados dessazonalizados

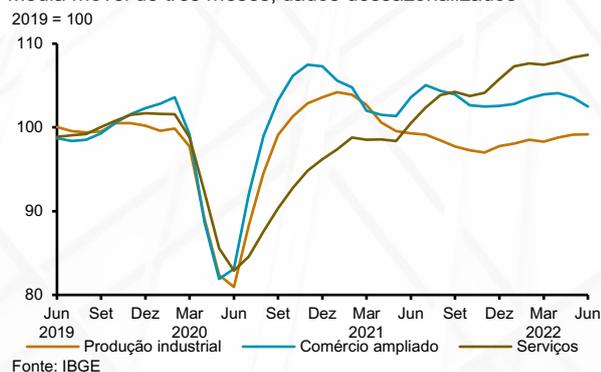


Figura 6.1 – Índice de Atividade do Banco Central

Variação % (2º trim ante 1º trim), dados dessazonalizados

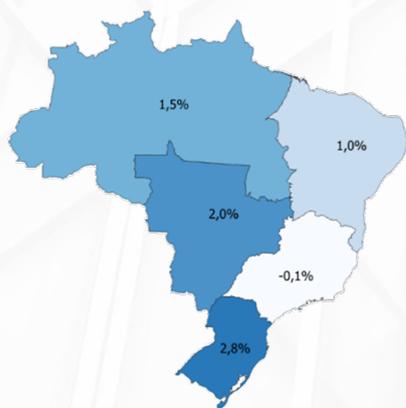
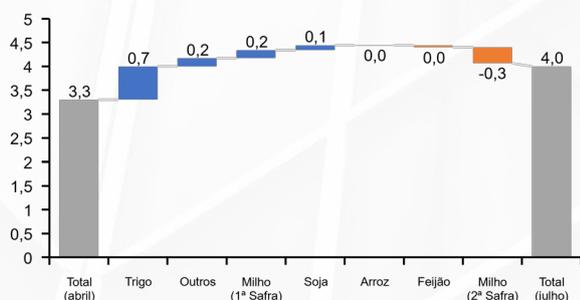


Gráfico 6.2 – Contribuição para a variação da produção anual de grãos, por produto

p.p. (LSPA de julho comparativamente ao LSPA de abril)



Fonte: IBGE

A atividade econômica continuou apresentando desempenho positivo no segundo trimestre, em especial a indústria e o setor de serviços. Após sequência de três resultados negativos, a produção industrial cresceu nos últimos três trimestres, mas ainda se mantém em nível abaixo do observado no período pré-pandemia. Diferentemente, o setor de serviços, que apresentou recuperação contínua desde o terceiro trimestre de 2020, encontra-se em patamar acima do nível anterior à crise sanitária, com exceção do segmento de serviços às famílias. Nesse ambiente de atividade econômica mais robusta, o mercado de trabalho exibe retomada mais forte do que a esperada. Tanto os indicadores referentes à contratação de emprego formal quanto as taxas de ocupação e desocupação sugerem normalização rápida dos setores intensivos em trabalho após a pandemia.

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) variou 0,57% no segundo trimestre¹⁴. Em relação à atividade regional, mensurada pelo Índice de Atividade Econômica Regional (IBCR), o crescimento foi mais disseminado do que no trimestre anterior, com expansões significativas em todas as regiões, à exceção do Sudeste, que registrou relativa estabilidade, refletindo o resultado negativo no estado de São Paulo. No Sul, onde sobressaiu o desempenho dos indicadores de comércio e serviços, houve recuperação da queda acentuada observada nos três meses anteriores relacionada à quebra das safras de soja e milho.

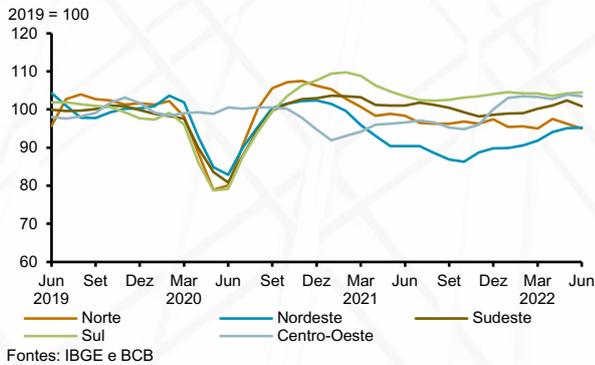
A estimativa de crescimento da safra de grãos de 2022 é de 4,0%, em relação à de 2021, segundo o LSPA de julho. As culturas de inverno, especialmente o trigo, cujo preço elevado tem estimulado produtores a ampliar as áreas disponíveis de plantio no Sul, bem como os investimentos nas lavouras, foram as principais responsáveis pela revisão positiva em

14/ O crescimento de determinado período, neste texto, refere-se à série com ajuste sazonal e ao período imediatamente anterior, exceto quando mencionado os períodos de comparação. Dadas as dificuldades relacionadas à dessazonalização das séries em decorrência do choque da pandemia, esse resultado deve ser interpretado com cautela – ver o box “Efeitos da pandemia sobre o ajuste sazonal dos indicadores econômicos” no Relatório de Inflação de junho 2021.

relação ao levantamento de abril. Relativamente às outras culturas, destacaram-se a redução na estimativa da produção de cana-de-açúcar, com maiores efeitos em SP e MG, e o aumento na do café, em ano de bialidade positiva.

Gráfico 6.3 – Produção industrial

Média móvel de três meses, dados dessazonalizados

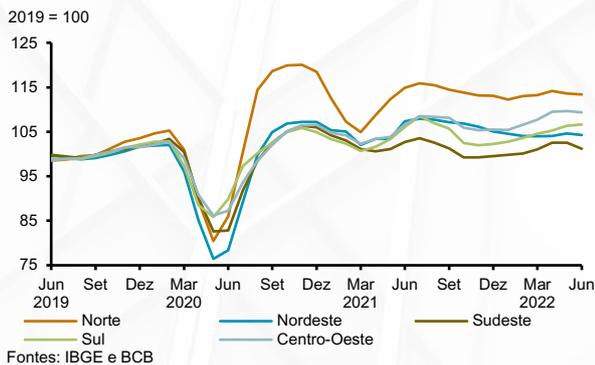


Fontes: IBGE e BCB

A produção industrial acelerou o ritmo de crescimento no trimestre encerrado em junho, com destaque para a fabricação de veículos automotores, revertendo queda do trimestre anterior, e de derivados de petróleo. Problemas com falta de peças ainda afetam o setor automotivo, gerando suspensão da produção em algumas montadoras, o que explica a oscilação dos resultados ao longo dos meses. Regionalmente, sobressaiu o desempenho do Nordeste, que manteve aumento expressivo, liderado pelos segmentos de bebidas e derivados de petróleo. As outras regiões apresentaram elevação (Sudeste, Sul e Centro-Oeste) ou estabilidade (Norte), esta última ainda afetada pela retração na indústria extrativa.

Gráfico 6.4 – Vendas do comércio ampliado

Média móvel de três meses, dados dessazonalizados

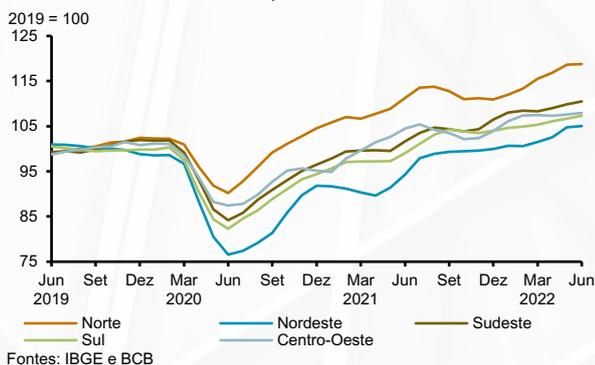


Fontes: IBGE e BCB

As vendas do comércio ampliado expandiram em todas as regiões no trimestre encerrado em junho. Sul e Centro-Oeste registraram incrementos significativos, influenciados por maiores vendas de veículos, motocicletas, partes e peças, nas duas regiões, e de combustíveis e lubrificantes, no Sul. Na direção contrária, a redução no comércio de veículos no trimestre afetou os resultados do comércio ampliado do Nordeste e Sudeste, que apresentaram aumentos menos intensos.

Gráfico 6.5 – Volume do setor de serviços

Média móvel de três meses, dados dessazonalizados



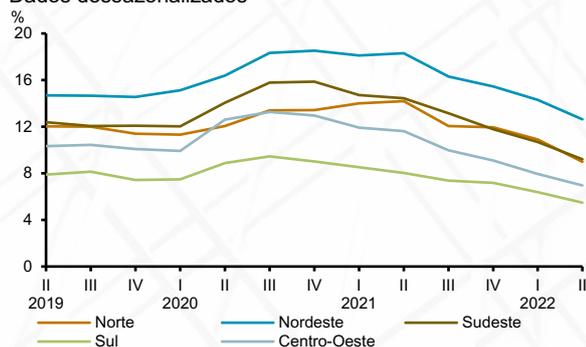
Fontes: IBGE e BCB

Medidas governamentais com efeito no segundo trimestre – saque extraordinário do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), antecipação do 13º salário dos aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e ampliação da margem de consignação – contribuíram para a sustentação do consumo das famílias. Nesse sentido, o volume de serviços, medido pela PMS, continuou apresentando crescimento disseminado no trimestre encerrado em junho, com expansões significativas em todas as regiões, com exceção do Centro-Oeste, que desacelerou em relação ao trimestre anterior, mas ainda manteve variação positiva. Entre as atividades, destacaram-se os serviços de informação e comunicação, os prestados às famílias e os profissionais, administrativos e complementares.

O mercado de trabalho seguiu em trajetória favorável, com recuo da taxa de desocupação e avanço da população ocupada, segundo dados da PNADC-T, e continuidade da geração de postos

Gráfico 6.6 – Taxa de desocupação

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

Tabela 6.1 – Saldo das operações de crédito do SFN^{1/}
Junho de 2022

Discriminação	Operações de crédito						Var %
	Trimestre			12 meses			
	PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	
Brasil	2,7	4,0	3,5	12,1	21,2	17,3	
Norte	2,5	6,1	5,0	20,6	30,0	27,1	
Nordeste	4,4	5,0	4,8	16,1	22,9	20,8	
Centro-Oeste	4,7	4,1	4,3	15,0	23,2	20,3	
Sudeste	1,8	4,0	2,9	9,1	19,8	14,5	
Sul	3,6	2,4	2,9	16,6	19,5	18,3	

1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 6.2 – Balança comercial regional – FOB

Janeiro-julho

Região	US\$ bilhões					
	Exportações		Importações		Saldo	
	2021	2022	2021	2022	2021	2022
Total	161,6	194,3	117,3	154,4	44,3	39,9
Norte	20,4	17,2	9,1	10,8	11,3	6,4
Nordeste	11,7	16,3	12,4	20,5	-0,7	-4,2
Centro-Oeste	25,3	34,3	6,4	10,8	18,9	23,5
Sudeste	76,1	92,2	60,2	75,6	16,0	16,6
Sul	27,9	31,7	29,3	36,6	-1,4	-5,0
Outros ^{1/}	0,2	2,6	0,0	0,0	0,2	2,6

Fonte: Ministério da Economia

1/ Referem-se a operações não classificadas regionalmente.

formais de trabalho, de acordo com o Novo Caged. Todas as regiões registraram redução da taxa de desocupação, mas com diferenças expressivas de nível, sobressaindo o Nordeste com a taxa mais elevada e o Sul, com a mais baixa. Além disso, dados da PNADC-T indicam que a recuperação do rendimento real do trabalho continuou no segundo trimestre, após diminuição substancial no segundo semestre de 2021.

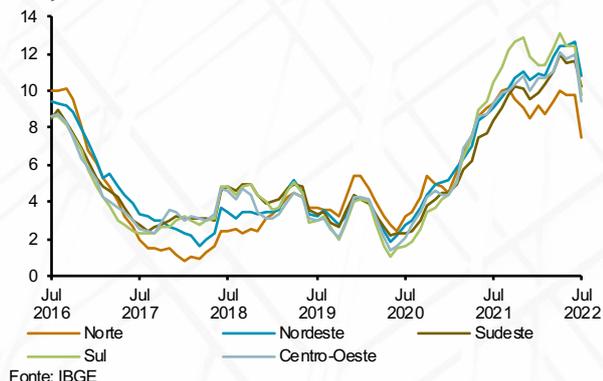
O mercado de crédito aumentou o ritmo de expansão no segundo trimestre, com aceleração da taxa de crescimento das operações com pessoas físicas (PF) e jurídicas (PJ) em todas as regiões (exceto PF no Sul). A menor variação do saldo PF no Sul foi influenciada por amortizações de financiamentos com recursos do BNDES ocorridas no período. Ainda nas operações com PF, o crédito consignado retornou a ter destaque, substituindo em parte modalidades de maior custo. No crédito PJ, a maior variação do saldo repercutiu, principalmente, o aumento das operações com recursos livres, em especial as destinadas a financiamento à exportação e capital de giro.

No setor externo, houve redução no saldo da balança comercial, no acumulado do ano até julho em relação ao mesmo período do ano anterior, em decorrência da elevação das importações em ritmo superior ao das exportações. Destacou-se o aumento das aquisições de combustíveis e lubrificantes, que quase dobraram de valor no período, em virtude principalmente da elevação dos preços do petróleo no mercado internacional, e de bens intermediários, reflexo do maior nível de atividade econômica. Os saldos comerciais de Sul, Nordeste e Norte retraíram, com queda dos embarques nesta última região, relacionada às menores vendas de minério de ferro. Sudeste manteve o *superavit* do ano anterior, enquanto o Centro-Oeste foi a única região com crescimento expressivo do resultado comercial, influenciado pelo perfil preponderante de exportador de *commodities* agrícolas.

A inflação ao consumidor, medida pela variação do IPCA, apresentou redução expressiva no trimestre encerrado em julho (0,46%) relativamente ao finalizado em abril (3,73%), repercutindo, principalmente, as quedas dos preços da gasolina e da energia elétrica, em decorrência das medidas de desonerações tributárias. Adicionalmente, no caso da gasolina, houve o efeito das reduções de preço nas refinarias. Os reajustes dos preços de alimentos também desaceleraram, embora os de

Gráfico 6.7 – IPCA

Variação % 12 meses



leite e derivados continuem pressionados. Em doze meses, o IPCA acumulou variação de 10,07% até julho (12,13% até abril). Regionalmente, a maior variação no trimestre ocorreu no Sudeste (0,61%) e a menor, no Norte (-0,59%), resultando na variação acumulada em doze meses (7,45%) mais baixa entre as regiões.

Em síntese, no segundo trimestre, a atividade econômica continuou apresentando desempenho favorável e mais disseminado regionalmente, à exceção do Sudeste, onde houve perda de ritmo. O mercado de trabalho manteve trajetória de recuperação, com queda acentuada na taxa de desocupação em todas as regiões nos últimos doze meses. Ressalte-se a desaceleração intensa da inflação no trimestre, influenciada pela redução dos preços da gasolina e da energia elétrica, em decorrência das desonerações tributárias. Prospectivamente, as políticas temporárias de apoio à renda devem trazer estímulo à demanda agregada no curto prazo, impactando a atividade no segundo semestre.

Evolução regional do crédito no segundo trimestre de 2022

O saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) aumentou 3,5%¹ no segundo trimestre, acelerando ante a taxa observada no primeiro trimestre (2,4%). O maior ritmo de crescimento agregado em todas as regiões (Gráfico 1) caracterizou ambas as carteiras – a de pessoas físicas (PF) aumentou 4,0% e a de jurídicas (PJ), 2,7%, ante expansões respectivas de 3,2% e de 1,2% no trimestre anterior.

Tabela 1 – Crédito PF e PJ – Por região e UF^{1/}
Junho/2022

Região e UF	Valores em R\$ bilhões			
	PF		PJ	
	Estoque	Var. % tri. ^{2/}	Estoque	Var. % tri. ^{2/}
Norte	167	6,1	71	2,5
Acre	8	7,0	3	8,4
Amazonas	28	6,9	18	-0,0
Amapá	8	5,2	4	1,2
Pará	64	6,7	26	3,3
Rondônia	32	5,3	7	-1,2
Roraima	6	6,1	2	1,1
Tocantins	21	4,7	9	7,3
Nordeste	465	5,0	198	4,4
Alagoas	27	5,4	9	14,4
Bahia	120	4,8	59	4,2
Ceará	69	5,7	39	2,5
Maranhão	52	5,3	16	4,0
Paraíba	39	4,4	8	1,8
Pernambuco	77	5,2	34	4,5
Piauí	25	4,2	14	8,6
Rio Grande do Norte	34	4,5	12	4,8
Sergipe	22	5,6	6	-0,7
Centro-Oeste	398	4,1	206	4,7
Distrito Federal	75	3,0	61	2,7
Goiás	149	4,8	64	3,0
Mato Grosso do Sul	66	3,2	23	2,1
Mato Grosso	108	4,5	57	10,2
Sudeste	1 290	4,0	1 146	1,8
Espírito Santo	43	4,3	34	-5,0
Minas Gerais	273	4,4	174	2,0
Rio de Janeiro	209	3,6	214	2,1
São Paulo	765	4,0	723	2,0
Sul	566	2,4	402	3,6
Paraná	220	2,4	152	3,6
Rio Grande do Sul	211	2,2	123	4,0
Santa Catarina	136	2,7	127	3,0

1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

2/ Comparativamente ao saldo de março de 2022.

Gráfico 1 – Evolução do saldo do crédito
Variação % trimestral

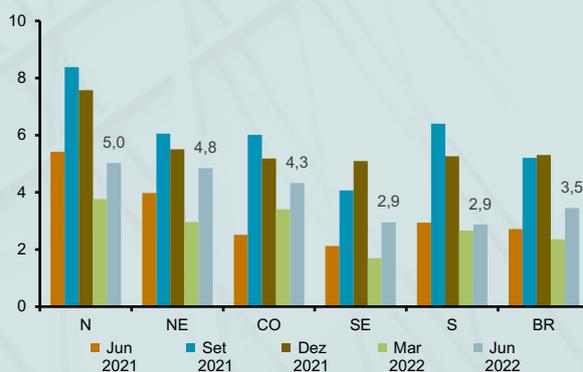


Gráfico 2 – Contribuição para variação nacional
Variação % trimestral – Abril a junho/2022

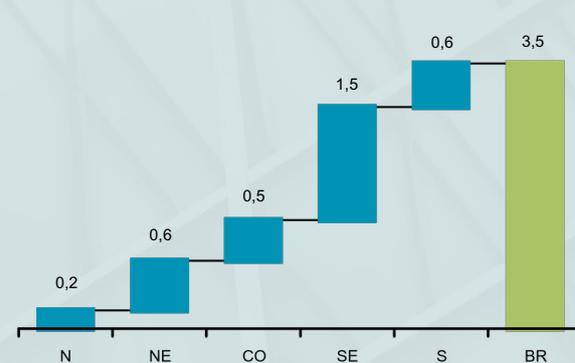
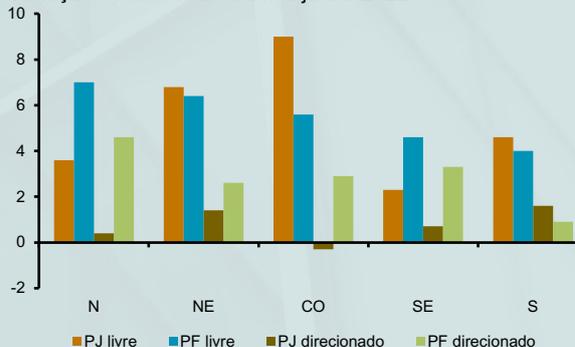


Gráfico 3 – Crédito regional por tipo de tomador e fonte de recurso
Variação % trimestral – Abril a junho/2022



1/ Variação nominal comparativamente ao trimestre anterior.

O segmento de operações com recursos livres às empresas apresentou variação maior no Centro-Oeste (com liderança do financiamento à exportação, a exemplo do observado no primeiro trimestre), e no Nordeste, região que intensificou a alta, ante o trimestre precedente. Nas operações PJ com recursos direcionados, observou-se contração da carteira apenas no Centro-Oeste (Gráfico 3), sobretudo em função de amortizações de operações com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O saldo contratado com recursos livres às famílias, por sua vez, cresceu de forma relativamente homogênea entre as regiões, sobressaindo o crédito consignado, estimulado pelo aumento da margem de desconto em folha², e as transações com cartão de crédito à vista (Tabela 2). Também no segmento PF, foi relevante no Centro-Oeste e no Norte a ampliação do financiamento rural, notadamente para investimento e custeio. De outra parte, o Sul registrou contração discreta do crédito rural, após avanço significativo no primeiro trimestre. Dentre as demais modalidades, permaneceram em evidência os financiamentos imobiliários, mesmo em contexto de juros mais elevados.

Nas operações contratadas por empresas, sobressaíram as retrações de outros créditos direcionados no Sudeste e no Sul (pela amortização de linhas abertas para combate à pandemia da Covid-19), e o avanço das operações com o BNDES no Nordeste. Com evolução de caráter heterogêneo dentre as regiões para modalidades de maior crescimento, destacaram-se os financiamentos à exportação no Sul e no Centro-Oeste, outros créditos livres no Sudeste e as operações de capital de giro no Norte (Tabela 3). Por atividade, o comércio seguiu contribuindo para a ampliação do crédito junto ao segmento atacadista e de veículos em todas as regiões. Por sua vez, na região Sudeste, houve retração no financiamento de outros serviços, sob impacto do menor estoque de operações contratadas por empresas de atividades financeiras e de telefonia. Adicionalmente, destacaram-se, no Norte, o crédito a empresas de transporte rodoviário de carga e de armazenamento bem como atividades auxiliares de transporte; no Nordeste e no Sudeste, de geração, transmissão e distribuição de eletricidade; no Centro-Oeste, o crédito agrícola; e no Sul, de financiamento à fabricação de produtos alimentícios e de máquinas e equipamentos, inclusive agrícolas (Tabela 4).

Tabela 2 – Crédito regional PF – Por modalidade^{1/}
Maiores variações (por valor absoluto) – Junho/2022

Regiões e modalidades	Valores em R\$ milhões		
	Variação trimestral ^{2/}		Estoque
	Valor	%	
Norte			
Crédito consignado	3 367	7,6	47 534
Financ. rurais	1 430	5,6	26 865
Cartão de crédito à vista	1 034	7,6	14 683
Nordeste			
Crédito consignado	7 973	6,8	124 899
Cartão de crédito à vista	3 906	6,5	63 920
Financ. imobiliários	3 545	2,9	125 233
Centro-Oeste			
Financ. rurais	3 829	3,8	104 210
Financ. imobiliários	3 358	3,5	98 234
Outros créditos livres	2 755	11,3	27 032
Sudeste			
Cartão de crédito à vista	43 542	37,3	160 383
Crédito pessoal não consignado	29 283	32,6	119 040
Crédito consignado	27 446	13,4	232 516
Sul			
Financ. imobiliários	4 858	3,0	167 180
Crédito consignado	2 953	3,6	84 300
Cartão de crédito à vista	2 780	6,3	47 182

1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

2/ Comparativamente ao saldo de março de 2022.

Tabela 3 – Crédito regional PJ – Por modalidade^{1/}
Maiores variações (por valor absoluto) – Junho/2022

Regiões e modalidades	Valores em R\$ milhões		
	Variação trimestral ^{2/}		Estoque
	Valor	%	
Norte			
Capital de giro	719	4,6	16 481
Financ. de veículos	521	8,7	6 543
Outros créditos livres	417	4,4	9 819
Nordeste			
Financ. com rec. do BNDES	2 167	4,5	50 450
Financ. a exportação	2 004	21,0	11 554
Outros créditos livres	1 804	8,5	22 913
Centro-Oeste			
Financ. a exportação	3 373	14,9	25 948
Títulos descontados	2 182	17,5	14 642
Outros créditos livres	1 524	9,0	18 498
Sudeste			
Outros créditos livres	6 103	6,5	100 223
Capital de giro	5 184	2,0	267 955
Outros créditos direcionados	-4 875	-4,6	101 297
Sul			
Financ. a exportação	5 711	12,5	51 398
Capital de giro	3 310	3,5	97 944
Outros créditos direcionados	-2 823	-6,5	40 755

1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

2/ Comparativamente ao saldo de março de 2022.

2/ Em decorrência da Medida Provisória nº 1.106, de 17 de março de 2022, convertida na Lei nº 14.431, de 3 de agosto de 2022.

Tabela 4 – Crédito regional PJ – Por atividade^{1/}

Maiores variações (por valor absoluto) – Junho/2022

Regiões e atividades	Valores em R\$ milhões		
	Variação trimestral ^{2/}		Estoque
	Valor	%	
Norte			
Comércio	1 085	5,3	21 648
Outros serviços	360	4,9	7 749
Transportes	342	5,4	6 695
Nordeste			
SIUP	2 715	10,3	29 065
Comércio	2 310	5,2	46 393
Administração Pública	852	2,7	32 714
Centro-Oeste			
Comércio	2 810	5,3	55 515
Administração Pública	2 302	11,3	22 636
Agropecuária	1 864	16,9	12 916
Sudeste			
SIUP	8 093	6,5	132 908
Comércio	5 048	2,1	240 297
Outros serviços	-4 628	-1,8	249 777
Sul			
Comércio	3 527	2,9	123 574
Indústrias de transformação	2 669	2,4	112 509
Outros serviços	2 187	4,6	49 863

1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

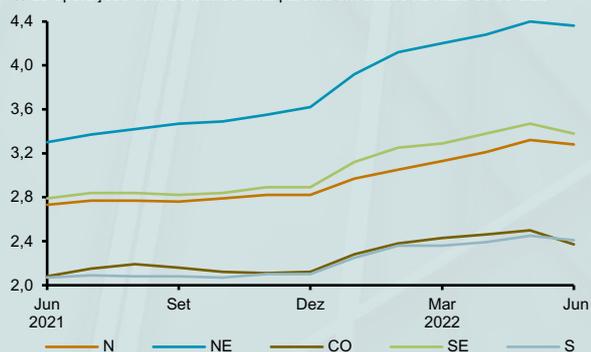
2/ Comparativamente ao saldo de março de 2022.

No segundo trimestre, a inadimplência geral aumentou moderadamente ante ao primeiro, como resultado da combinação de elevação na carteira PF e queda na PJ (em ambos os casos, houve recuo disseminado entre maio e junho). No primeiro segmento, os maiores incrementos foram registrados pelo Norte e Nordeste (região que detém a maior taxa de inadimplência). Ao contrário, houve recuo no Centro-Oeste, que passou a deter a menor inadimplência na carteira PF. Enquanto isso, o inadimplemento nas operações com empresas recuou, influenciado pelos desempenhos do Norte, Sudeste e Nordeste. Nessa última região, inclusive, a taxa reverteu a alta observada em abril, nas operações com recursos direcionados (financiamentos imobiliários e com o BNDES).

Em síntese, o mercado de crédito tem se caracterizado por tendência de elevação das taxas de juros, porém com discreta repercussão sobre a inadimplência das operações. No segmento empresarial, o desempenho positivo da atividade econômica em todas as regiões no segundo trimestre, à exceção do Sudeste, contribuiu para a evolução do crédito, com destaque para crescimento do saldo nas modalidades capital de giro e financiamento à exportação. No mesmo sentido, a ampliação da margem de consignação em folha permitiu que as famílias aumentassem o endividamento em modalidade de custo mais baixo, com possíveis reflexos positivos sobre a inadimplência.

Gráfico 4 – Inadimplência regional – PF^{1/}

% de operações com ao menos uma parcela em atraso há mais de 90 dias



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

Gráfico 5 – Inadimplência regional – PJ^{1/}

% de operações com ao menos uma parcela em atraso há mais de 90 dias



1/ Operações com saldo superior a R\$ 1 mil.

Contribuição do setor externo para o PIB: perspectiva regional de 2007 a 2019

Este boxe avalia a contribuição do setor externo (exportações líquidas) para a variação do Produto Interno Bruto (PIB) regional¹ no período de 2007-2019², comparando sua dinâmica em relação à observada para o PIB nacional.

No período em análise, o setor externo contribuiu para mitigar a intensidade das variações do PIB nacional, apresentando comportamento contracíclico. Com exceção dos anos de 2009 e 2014, nos demais períodos o setor externo e o PIB apresentaram variações com sinais opostos, destacando-se os anos de 2015 e 2016, de pronunciada retração do PIB. No Gráfico 1, nota-se que, caso a contribuição do setor externo fosse nula, a retração do PIB em tais anos atingiria 6,3% e 4,9%, respectivamente, quando de fato atingiu 3,6% e 3,3%, na ordem. De modo inverso, especialmente no período de 2007-2010, o crescimento robusto do PIB nacional ocorreu conjuntamente a contribuições negativas do setor externo.

Gráfico 1 – Brasil – Contribuições (p.p.)



Gráfico 2 – Norte – Contribuições (p.p.)



Gráfico 3 – Centro-Oeste – Contribuições (p.p.)



Gráfico 4 – Nordeste – Contribuições (p.p.)



1/ A contribuição do setor externo para a variação do PIB é o resultado da diferença das contribuições das exportações e das importações, que são calculadas a partir da multiplicação de seus respectivos pesos no PIB pela variação anual dos respectivos volumes obtidos das contas nacionais. Na análise da contribuição do setor externo para o PIB das regiões foram considerados apenas bens e não bens e serviços, como na perspectiva nacional, em razão da indisponibilidade de dados. Neste caso, foram utilizados índices de volume de exportação e importação calculados pelo Banco Central, a partir dos dados da Secex, divulgados no Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

2/ 2019 é o último ano disponível do PIB regional.

Gráfico 5 – Sudeste – Contribuições (p.p.)



Fonte: BCB, Ministério da Economia e IBGE

Gráfico 6 – Sul – Contribuições (p.p.)



Fonte: BCB, Ministério da Economia e IBGE

Desse modo, ao crescimento (ou diminuição) do PIB, associa-se, em geral, uma contribuição negativa (positiva) do setor externo. Isto ocorre, em parte, porque em períodos de expansão econômica eleva-se a absorção interna, inclusive a demanda por importações. Em particular, expande-se também a demanda por insumos e matérias-primas importadas pela indústria de transformação. Tipicamente essa maior demanda por importados ocorre em proporção mais acentuada que a disponibilização de produtos para o mercado externo, dados o grau de penetração das importações na atividade manufatureira nacional e o direcionamento prioritário da produção industrial nacional para o mercado doméstico.

A análise na perspectiva regional indica que, entre as regiões com maior peso relativo da indústria de transformação na atividade econômica, o comportamento do PIB e do setor externo tendem a reproduzir, com grande aderência, a dinâmica nacional: períodos de PIB em elevação são caracterizados por contribuição negativa do setor externo.

Nesse sentido, as regiões Nordeste, Sudeste e Sul mostram movimento bastante semelhante ao verificado para o Brasil. Os Gráficos 4, 5 e 6 mostram que na maior parte do período analisado houve elevação do PIB acompanhado por contribuição negativa do setor externo nessas regiões.

Nas regiões Norte (Gráfico 2) e, especialmente, Centro-Oeste (Gráfico 3), apesar de se verificar em alguns anos o comportamento contracíclico do setor externo, característico das demais regiões, observam-se períodos em que o setor contribuiu para intensificar o crescimento do PIB. No Centro-Oeste, a contribuição do setor externo não é negativa desde 2012.

A diferença de comportamento das regiões Norte e Centro-Oeste associa-se, particularmente, ao aumento expressivo do volume comercializado de *commodities*, notadamente minério de ferro e soja, em ambiente de crescimento da demanda mundial por esses produtos³. Adicionalmente, um menor grau de participação da indústria de transformação relativamente às atividades extrativas e agropecuária (Tabela 1) favorece um menor ritmo de crescimento da demanda por insumos e matérias-primas importadas em períodos de expansão da atividade econômica doméstica⁴.

Portanto, o histórico recente sugere que o padrão tipicamente observado de correlação negativa entre PIB e exportações líquidas é menos acentuado no Centro-Oeste. Isso está associado ao papel das exportações de *commodities* produzidas nessa região e à menor participação da indústria de transformação na economia local.

3/ Para maiores detalhes sobre o dinamismo das exportações das regiões Norte e Centro-Oeste, ver boxes “O Desempenho das Exportações Brasileiras de Commodities: uma perspectiva regional (2006-2011)” e “Desempenho regional das exportações brasileiras (2000-2020)”, nas edições de janeiro de 2012 e agosto de 2020, respectivamente.

4/ A elevada participação de produtos básicos nas exportações das regiões Norte e Centro-Oeste expressa a menor importância relativa da indústria na economia destas regiões. Ver boxe “Desempenho regional das exportações brasileiras (2000-2020)”, na edição de agosto de 2021.

Tabela 1 – Indicadores regionais para o setor externo, PIB e setores de atividade econômica

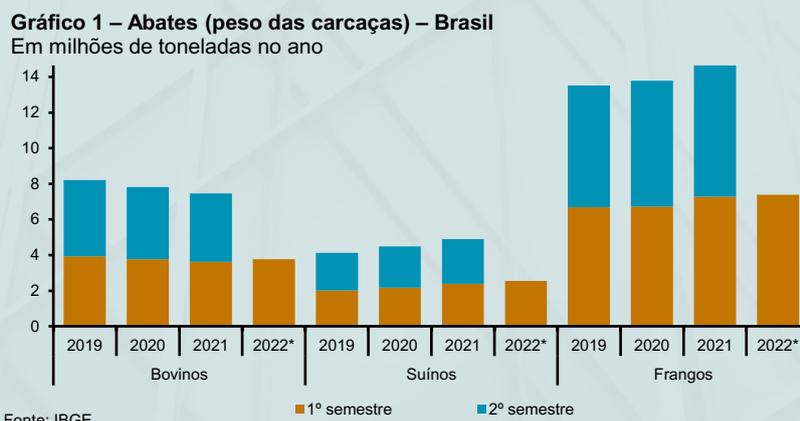
Regiões	Part.% média do setor externo no PIB (2007-2019)		Part.% média de produtos industrializados nas exportações regionais (2007-2019)		Crescimento médio a.a. do volume de X e M (2007-2019)		Correlação entre setor externo e PIB (2007-2019)	Crescimento médio a.a. do PIB Regional (2007-2019)	Part.% média da indústria de transf. no VAB regional (2007-2019)	Part.% média da indústria extrativa + agropec. no VAB regional (2007-2019)
	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.				
Norte	14,3	11,1	28,9	4,2	3,2	-0,70	2,6	11,0	16,2	
Nordeste	5,8	7,0	72,7	0,9	6,7	-0,70	2,1	9,1	8,6	
Centro-Oeste	10,9	5,1	16,1	8,2	2,5	-0,49	3,1	7,5	10,4	
Sudeste	9,8	9,0	60,2	0,5	2,6	-0,91	1,6	14,5	6,7	
Sul	12,8	10,9	52,0	1,9	7,0	-0,71	1,9	18,4	8,7	
Brasil	12,4	13,0	52,8	2,2	5,3	-0,94	1,9	13,5	8,2	

Fontes: BCB, Ministério da Economia e IBGE

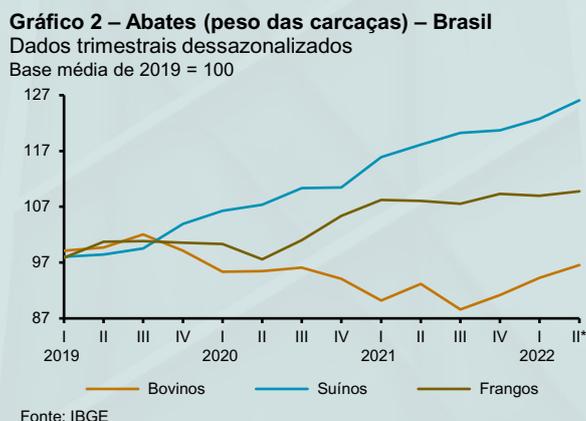
Evolução regional da atividade pecuária

Este boxe apresenta os resultados da pecuária de corte em 2021 e primeiro semestre de 2022, a partir da evolução dos abates, vendas externas, custos dos principais insumos e preços.¹

Em 2021, houve expansão nas produções de suínos e frangos, enquanto a de bovinos reduziu pelo segundo ano consecutivo (Gráfico 1). Mantendo a trajetória ascendente, o abate de suínos atingiu 4,9 milhões de toneladas em 2021, 9,3% acima de 2020, e o de frangos alcançou novo recorde, totalizando 14,6 milhões de toneladas, crescimento de 6,2% relativamente ao ano anterior, com recuperação no consumo doméstico e expansão nas exportações. Em contexto de oferta limitada² e preços elevados, as 7,5 milhões de toneladas de carcaças bovinas representaram recuo de 4,7%, comparativamente a 2020. Regionalmente, a produção de bovinos é liderada pelo Centro-Oeste, seguida do Sudeste e Norte, e as de suínos e frangos concentram-se no Sul.



No primeiro semestre de 2022, observaram-se variações de 4,1%, 6,4% e 1,5% no volume abatido de bovinos, suínos e frangos, na ordem, comparativamente a igual período de 2021. Dados trimestrais dessazonalizados indicam crescimento na produção dos três rebanhos no segundo trimestre deste ano – 2,4%, 2,7% e 0,7%, respectivamente (Gráfico 2).



1/ Atualização do boxe “Evolução regional da atividade pecuária”, publicado no Boletim Regional de maio de 2021.

2/ IBGE, Pesquisa Trimestral do Abate de Animais. Os preços médios dos bezerros e da carne bovina estimularam a retenção de fêmeas para atividades reprodutivas. O total de fêmeas abatidas em 2021 foi o menor desde 2004. Dados para o segundo trimestre de 2022 são preliminares.

Na pecuária bovina, houve aumento dos abates no segundo trimestre, período de deterioração das pastagens, resultando em diminuição de preços, que ainda se mantiveram em patamar elevado. No restante do ano, a permanência de valores elevados no mercado futuro para o boi gordo e o comportamento dos preços dos animais de reposição tendem a manter a rentabilidade dos produtores.

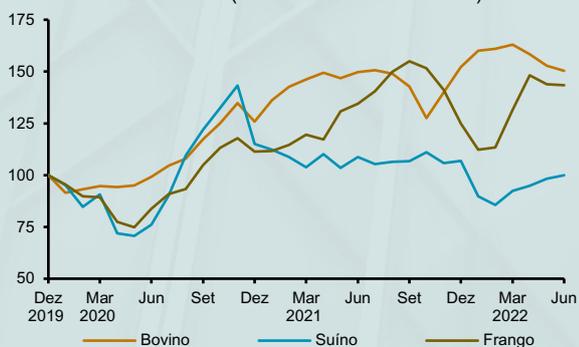
Relativamente à carne suína, estoques elevados pressionaram seus preços para baixo. A rentabilidade dos produtores também foi negativamente impactada pelo aumento nos preços dos insumos, especialmente milho e farelo de soja, agravado pela baixa disponibilidade interna e alta procura³. No mercado doméstico, a competitividade da carne suína subiu, pois seu preço situa-se abaixo das demais carnes, desde janeiro de 2021. No segundo trimestre, os preços médios do suíno apresentaram leve recuperação, paralelamente à menor oferta de animais gordos e algum aquecimento na demanda pela proteína.

Após queda no final do ano passado e em janeiro deste ano, os preços da carne de frango avançaram entre fevereiro e março, impulsionados pelo ajuste na oferta e pelo aumento na demanda externa – casos de gripe aviária em importantes produtores, como EUA e países da Europa –, o que permitiu algum repasse da elevação dos custos de produção.

Os preços internos em 2021 (Gráfico 3) acompanharam a trajetória das cotações de soja e milho, principais insumos para a alimentação animal (Gráfico 4), em ano de frustração da safra brasileira do cereal⁴. No início de 2022, a elevação observada nos preços das *commodities* agrícolas se intensificou com o conflito entre Rússia e Ucrânia (a partir de fevereiro de 2022) e seus desdobramentos sobre as estimativas de produção e exportação mundial de grãos⁵, além de dificuldades logísticas, inclusive as decorrentes de novos *lockdowns* na China. No segundo trimestre, observou-se redução nas cotações internacionais da soja⁶ e do milho (entrada da segunda safra), favorecendo a produção.

Gráfico 3 – Evolução dos preços internos

Índice – Média mensal (dezembro de 2019 = 100)



Fonte: Bloomberg (BM&F e Cepea/Esalq)

Gráfico 4 – Evolução dos preços – soja e milho

Índice – Média mensal (dezembro de 2019 = 100)



Fonte: Bloomberg (BM&F)

As receitas das exportações de carnes registraram bom desempenho em 2021, aumentando 14,7% em relação a 2020, a maior parcela vinda de bovinos, especialmente provenientes do Centro-Oeste e Sudeste, enquanto o Sul foi destaque em suínos e frangos, de acordo com o Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia (ME) (Gráfico 5).

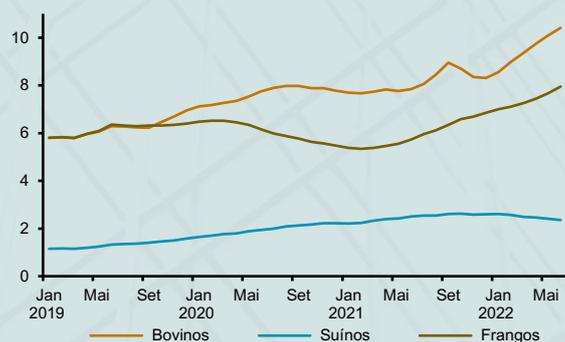
3/ Em 2019, o preço do suíno vivo subiu mais do que o custo de produção, estimulando decisões de ampliação de plantel, com ciclo médio de 2 anos. Durante esse período, houve quebra de safra de grãos e os custos aumentaram, mas as exportações seguiram fortes, dado o descarte dos rebanhos na China devido à peste suína. Em 2021, a China desacelerou as aquisições de vários países, menos acentuadamente do Brasil, os preços começaram a declinar e houve forte queda na rentabilidade.

4/ Ver boxe “Produção dos principais grãos e de cana-de-açúcar em 2021”, no Boletim Regional de agosto de 2021.

5/ Rússia e Ucrânia estão entre os maiores produtores mundiais de trigo, cujos preços dispararam, impulsionando as cotações internacionais de outros grãos, especialmente milho e soja.

6/ Previsão de boas condições climáticas para a safra dos EUA, colheita na Argentina, enfraquecimento da demanda chinesa, acordo com a Rússia para escoamento da produção ucraniana pelo Mar Negro.

Gráfico 5 – Exportações em US\$ bilhões – Brasil
Acumulado em 12 meses



Fonte: Secex/ME

As exportações de carne bovina no primeiro semestre de 2022, na comparação com igual período de 2021, cresceram 56,9% em valor e 23,7% em quantidade, após recuo de 4,3% em volume no ano anterior⁷. Relativamente a suínos, o valor dos embarques diminuiu 17,7% e o volume, 9,7%, respectivamente, na mesma base de análise, repercutindo o recuo das compras chinesas, após altas significativas em 2020 e 2021. As vendas externas de frango expandiram 35,4% em valor e 7,5% em quantidade, em relação a igual intervalo de 2021.

As perspectivas para a produção pecuária nacional seguem positivas, seja pelo comportamento esperado para a demanda externa quanto pela retomada gradual do mercado doméstico, beneficiado por atividade econômica mais robusta.

7/ O resultado foi recorde, apesar de suspensões temporárias por parte da China aos embarques de alguns frigoríficos, que se refletiram em oscilações nos preços nas regiões onde as plantas estão localizadas (GO, MT, TO, PA e SP).

Apêndice

Banco Central do Brasil

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Banco Central do Brasil

Presidente

Roberto Oliveira Campos Neto

Diretor de Política Econômica

Diogo Abry Guillen

Chefe do Departamento Econômico

Ricardo Sabbadini

Representações Regionais do Departamento Econômico

Coordenação Regional do Nordeste

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste em Salvador

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste em Fortaleza

Coordenação Regional do Norte e Sul

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul em Belém

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul em Curitiba

Coordenação Regional do Sudeste

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Belo Horizonte

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em São Paulo

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Coordenação Regional do Nordeste

Rua da Aurora, 1259 – Santo Amaro
Caixa Postal 1.445
50040-090 – Recife (PE)
E-mail: pe.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste na Bahia

Av. Anita Garibaldi, 1.211 – Ondina
Caixa Postal 44
40210-901 – Salvador (BA)
E-mail: ba.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Nordeste no Ceará

Av. Heráclito Graça, 273 – Centro
Caixa Postal 891
60140-061 – Fortaleza (CE)
E-mail: ce.depec@bcb.gov.br

Coordenação Regional do Norte e Sul

Rua 7 de setembro, 586 – Centro
Caixa Postal 919
90010-190 – Porto Alegre (RS)
E-mail: rs.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Pará

Boulevard Castilhos França, 708 – Centro
Caixa Postal 651
66010-020 – Belém (PA)
E-mail: pa.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Norte e Sul no Paraná

Av. Cândido de Abreu, 344 – Centro Cívico
Caixa Postal 1.408
80530-914 – Curitiba (PR)
E-mail: pr.depec@bcb.gov.br

Coordenação Regional do Sudeste

Av. Presidente Vargas, 730 – Centro
Caixa Postal 495
20071-900 – Rio de Janeiro (RJ)
E-mail: rj.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em Minas Gerais

Av. Álvares Cabral, 1.605 – Santo Agostinho
Caixa Postal 887
30170-001 – Belo Horizonte (MG)
E-mail: mg.depec@bcb.gov.br

Núcleo da Coordenação Regional do Sudeste em São Paulo

Av. Paulista, 1804 – Bela Vista
Caixa Postal 8.984
01310-922 – São Paulo (SP)
E-mail: gtspa.depec@bcb.gov.br

Siglas

a.a.	Ao ano
ABIH-CE	Associação Brasileira da indústria de Hotéis - Ceará
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CNC	Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
CNI	Confederação Nacional da Indústria
Covid-19	Doença Coronavírus
Depec	Departamento Econômico
EUA	Estados Unidos da América
Fenabrave	Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
Fieam	Federação das Indústrias do Estado do Amazonas
Fiec	Federação das Indústrias do Estado do Ceará
Fiemg	Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
Fiepe	Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco
Fiergs	Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul
Fiesp	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
IBC-Br	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil
IBCR	Índice de Atividade Econômica Regional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Iceb	Indicador de Confiança do Empresariado Baiano
Icec	Índice de Confiança do Empresário do Comércio
Icei	Índice de Confiança do Empresário Industrial
ICF	Intenção de Consumo das Famílias
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPCA	Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo
LSPA	Levantamento Sistemático da Produção Agrícola
ME	Ministério da Economia
MTP	Ministério do Trabalho e Previdência
Novo Caged	Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
Nuci	Nível de utilização da capacidade instalada
p.p.	Pontos percentuais
PAM	Produção Agrícola Municipal
PF	Pessoa física
PIA	População em Idade Ativa
PIB	Produto Interno Bruto
PIM-PF	Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física
PJ	Pessoa jurídica
PMC	Pesquisa Mensal do Comércio
PMS	Pesquisa Mensal de Serviços
PNADC-T	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Trimestral

RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
RMC	Região Metropolitana de Curitiba
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
RMRJ	Região Metropolitana do Rio de Janeiro
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
Secex	Secretaria de Comércio Exterior
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SFN	Sistema Financeiro Nacional
SGS	Sistema Gerenciador de Séries Temporais
TD	Taxa de desocupação
VTI	Valor da Transformação Industrial



**BANCO CENTRAL
DO BRASIL**

bcb.gov.br